



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DANIELA SARDOTE VENTURA

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS INOVADORAS

**O que move e motiva pais e educadores na busca por Práticas Pedagógicas
Inovadoras nas escolas**

BRASÍLIA

2016

DANIELA SARDOTE VENTURA

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS INOVADORAS

**O que move e motiva pais e educadores na busca por Práticas Pedagógicas
Inovadoras nas escolas**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

BRASÍLIA

2016

VENTURA, Daniela Sardote.

Experiências Educacionais Inovadoras: O que move e motiva pais e educadores na busca por Práticas Pedagógicas Inovadoras nas escolas. Brasília – DF, 2016. p. 73

Monografia. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2016.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

1. Infância 2. Práticas Pedagógicas Inovadoras 3. Autonomia

DANIELA SARDOTE VENTURA

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS INOVADORAS

O que move e motiva pais e educadores na busca por Práticas Pedagógicas Inovadoras nas escolas

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Orientadora – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Ms.^a Taísa Resende Sousa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Data da aprovação: ____/____/____

BRASÍLIA

2016

Dedico essa monografia à minha família querida: Mercenas (pai), Luzia (mãe), Camila (irmã) e Patrícia (irmã), que sempre estiveram presentes durante a minha vida e, também, na graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Luzia, que representa para mim eterna doçura e amor incondicional. Esteve presente em todos os grandes momentos da minha vida e foi a maior incentivadora dos estudos. Comemorou, comigo, o ingresso na Universidade e fez todo o possível para a minha permanência.

Agradeço, também, ao meu pai, Mercenas, que sempre trabalhou duro para nos dar o melhor ensino que acreditava e pela presença de um pai companheiro e protetor.

Às minhas irmãs mais velhas, Camila e Patrícia, que, com conselhos, dicas, caronas e incentivo, me ajudaram neste longo processo de graduação.

Aos meus amigos que foram essenciais na minha formação em momentos de crise, desespero, felicidade, inquietação e comemoração.

Ao meu namorado, Osvaldo, que, com muito amor, soube me entender nos momentos de inquietação e, muitas vezes, me aconselhou a respeito de decisões profissionais difíceis. Ficou decepcionado, junto comigo, com experiências traumáticas em escolas tradicionais e comemorou comigo experiências inovadoras da educação.

À Universidade de Brasília, pois sem o ingresso na mesma nenhuma das minhas reflexões pedagógicas e dos meus sonhos teriam se tornado realidade.

Aos professores incríveis que tive na Universidade e me ajudaram a compreender e praticar a pedagogia em que hoje acredito. Me fizeram enxergar possibilidades reais de se iniciar uma transformação na educação e, a partir dela, fazer da infância um momento inesquecível da vida.

E, por fim, aos espaços escolares que trabalhei como estagiária que me possibilitaram incríveis reflexões e o contato com pessoas e crianças inigualáveis.

“Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta.” (p.26)

Paulo Freire

VENTURA, Daniela Sardote. **EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS INOVADORAS: O que move e motiva pais e educadores na busca por Práticas Pedagógicas Inovadoras nas escolas.** Brasília- DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação, 2016. Monografia

(Graduação em Pedagogia)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de investigar como e porque pais e educadores buscam práticas pedagógicas inovadoras nas escolas. Para isso foi feita uma investigação à luz das teorias sobre o que são Práticas Pedagógicas Inovadoras e, posteriormente, recortes de particularidades de escolas consideradas inovadoras. Alguns autores como Ivan Illich (1985), Paulo Freire (2000;2011;2014), Rancière (2002) e Pacheco (2006;2013) foram fundamentais para referenciar esse trabalho. A metodologia adotada é fundamentada pela utilização de entrevistas semiestruturadas de acordo com a abordagem qualitativa, já que essa combinação possibilita maior flexibilidade nas entrevistas e maior alcance na compreensão da subjetividade presente nos discursos dos sujeitos. Diante da reflexão acerca das entrevistas realizadas, cartografo os discursos dos sujeitos em busca de respostas à questão norteadora “O que move e motiva pais e professores a trabalharem por Práticas Pedagógicas Inovadoras na escola?”, concluímos que há um sentimento que gira em torno destas pessoas, que é a vontade de transformação da educação e o descontentamento com a escola tradicional, por isso suas práticas seguem em direção a uma educação mais sensível e respeitosa.

Palavras-chave: Infância; Práticas Pedagógicas Inovadoras; Autonomia

ABSTRACT

This study aims to investigate how and why parents and educators are seeking innovative teaching practices in schools. For such, there was an investigation on the theories to determinate what are Innovative Pedagogical Practices and, later, which schools are considered to have innovative characteristics clippings. Some authors such as Ivan Illich (1985), Paulo Freire (2000; 2011; 2014), Rancière (2002) and Pacheco (2006, 2013) were key references to this work. The adopted methodology was the use of semi-structured interviews according to qualitative approach. This combination enables greater flexibility in interviews and greater reach in the understanding of subjectivity present in the speeches of the subjects. Given the insights in the interviews, the subjects' speech were transcribed in order to search answers to the main question "What moves and motivates parents and teachers to work for Innovative Pedagogical Practices at school? ". We conclude that there is a feeling that revolves around people, that is the will of transformation of education and the discontent with the traditional school, so their practices follow toward a more sensitive and respectful education.

Key-words: Childhood; Innovative Pedagogical Practices; Autonomy

SUMÁRIO

RESUMO	8
APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE I: Memorial.....	12
PARTE II: Monografia	19
INTRODUÇÃO	19
Capítulo 1: Práticas Pedagógicas Inovadoras	20
1.1 A Escola Nova.....	23
1.2 Educação Libertadora	25
1.3 Tendências e Iniciativas Atuais.....	27
1.4 A Relação Família- Escola.....	33
Capítulo 2: Experiências de Práticas Pedagógicas Inovadoras	35
2.1 Ipê Amarelo.....	35
2.2 Associação Pró- Educação Vivendo e Aprendendo.....	38
2.3 Escola da Ponte	41
2.4 A Desembargador Amorim Lima	43
Capítulo 3: Metodologia	46
3.1 Escolas escolhidas.....	48
3.2 Quem foram os sujeitos entrevistados	48
Capítulo 4: Discussão e reflexão.....	49
4.1 O caminho escolar percorrido	49
4.2 O que os trouxe a uma escola inovadora.....	52
4.3 A participação das famílias na escola	54
4.4 A trajetória acadêmica dos educadores	57
4.5 O que são Práticas Pedagógicas Inovadoras	59
4.6 O que é escola e qual a sua função.....	61
3.7. Por que continuar atuando/acreditando na educação inovadora	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
PARTE III: Perspectivas Futuras.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE 1	72
APÊNDICE 2.....	73

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília está dividido em três partes. A primeira é o Memorial, no qual contextualizo o tema deste trabalho a partir de minha história de vida, narro brevemente reflexões e experiências que me levaram a pesquisar mais a respeito deste assunto.

A segunda é a monografia, que contém minha pesquisa e os estudos feitos acerca do tema. Essa parte está dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro a respeito de Práticas Pedagógicas Inovadoras, que diz respeito à fundamentação teórica realizada acerca do tema, contextualizando um pouco do quadro histórico no Brasil a respeito de práticas pedagógicas que andaram na contramão do modelo tradicional, como a Escola Nova e a Educação Libertadora até a educação inovadora que temos nos dias atuais.

No segundo capítulo são apresentados alguns recortes sobre escolas com Práticas Pedagógicas Inovadoras, descrevendo algumas práticas adotadas, seus princípios e características marcantes de cada escola.

O terceiro capítulo traz a metodologia e os procedimentos de pesquisa, ou seja, uma explicação da abordagem qualitativa utilizada na pesquisa, a partir de entrevistas semiestruturadas. Apresentamos uma caracterização e contextualização das escolas em que os educadores e pais de alunos entrevistados fazem parte.

O quarto capítulo se refere à discussão metodológica, que pretendeu fazer a conexão entre as teorias estudadas e a pesquisa realizada a partir de um olhar sensível e cauteloso, pois se trata de interpretações singulares dos discursos gravados dos sujeitos.

Para finalizar esta segunda parte estão as considerações finais, as quais apresento as reflexões feitas a partir de uma visão ampla do trabalho.

A terceira parte trata de minhas pretensões profissionais e os caminhos que almejo traçar após a conclusão do curso.

PARTE I: Memorial

Nascida em 1994 em Valparaíso (GO), geminiana e filha caçula de Mercenas e Luzia, sempre morei em Brasília. Minhas irmãs, Camila e Patrícia, tinham 10 e dois anos respectivamente quando eu nasci. Para a Paty, sempre fui sua boneca e para Mila, um bebezinho careca e orelhudo. A escolha do meu nome foi feita por meu pai, sem nenhum grande motivo ou história mirabolante. Ele apenas gostava do nome que hoje me dá identidade e eu o agradeço por isso.

Quando eu tinha sete meses, nos mudamos para uma chácara no Riacho Fundo I, onde vivi a minha infância e só saímos de lá aos meus 10 anos. Essa chácara representa, para mim, uma infância liberta, cheia de imaginações e contato com a natureza. Minha irmã do meio era a minha grande parceira de brincadeiras e nossa vizinha, Florean, nossa amiga preferida, comparecia a nossa casa todos os dias durante as férias. Explorávamos tudo e, muitas vezes, nos sentíamos reais aventureiras entrando pela mata. Na chácara, sempre tivemos horta, pomar e animais diversos. Lembro-me da sensação de esperar o pé de jabuticaba amadurecer para comermos as frutinhas, dos banhos de chuva que tomamos, do contato com os animais e das cabanas que montávamos com lençóis. Nós éramos crianças agitadas, passávamos o dia inteiro subindo em árvore, brincando de bola, correndo e aprontando todas. Acredito que esse sentimento de liberdade eu vou carregar por toda a minha vida de uma infância em um lugar feliz e tranquilo, onde pude botar minha imaginação em prática. Mas, surpreendentemente, esse cenário mudava na escola. Eu era uma das alunas mais tímidas da sala. Lembro de ter vergonha de pedir para ir ao banheiro até os quatorze anos de idade. Hoje, me pergunto se naquela época eu tinha timidez ou medo.

Meus anos iniciais de escolarização já começaram com um grande trauma ao ouvir uma bronca autoritária, e exagerada, da professora por ter feito minhas necessidades na roupa. Ela teve que me trocar e pegar uma roupa emprestada com uma outra colega para eu usar no dia, já que eu não usava mais fralda e, nesse dia, não havia levado roupa avulsa. Desde então, eu chorava, todos os dias, para entrar na escola e, por isso, meus pais resolveram me tirar de lá. Só voltei a estudar no Jardim I com quatro anos e com outra professora. Devido à dificuldade de encontrar alguém para cuidar de mim e da minha irmã, minha mãe decidiu não voltar a trabalhar

fora de casa e dedicar-se inteiramente às filhas e ao trabalho doméstico, o que gerou dificuldade financeira para a família e falta de perspectivas futuras para minha mãe. Eu mudei de escola algumas vezes durante meu processo escolar.

Em todas as escolas em que estudei, todas tradicionais, sempre encontrei aquele o mesmo ambiente: a figura de um professor detentor do saber e de alunos totalmente passivos. De colegas competitivos e pouco companheiros. De salas de aula quadradas, com paredes brancas, cadeiras enfileiradas, muros e quadro-negro. De livros grandes e pesados, o quadro sempre cheio de conteúdo para copiar, as tarefas de casa diárias e das tão temíveis provas. A escola para mim sempre esteve ligada a momentos cansativos e chatos e, em absolutamente todas as escolas em que estudei nesses nove anos e meio de educação básica, o ensino se deu da mesma forma, com a mesma didática, mesmo estilo de professor, mesmo tipo de aula e mesma estrutura de escola. Poucos eram os professores que procuravam ter um relacionamento mais próximo com os alunos e tentavam fazer de forma diferente. Os alunos pareciam estar ligados no modo automático, sabiam como se comportar e o que fazer a partir do momento que entravam na escola. Os que fugiam à regra eram punidos. Muitas vezes, presenciei mentes brilhantes, que não se encaixavam no modelo escolar tradicional, sendo eliminadas, uma a uma, na forma de cartas-convites pedindo a retirada desses alunos da escola, pois eles atrapalhavam o “bom andamento das aulas” e causavam “perturbação”.

No ensino médio, a pressão cobrada aumentou, me sentia permanentemente dentro de uma panela de pressão. Estudava todos os dias, inclusive aos finais de semana, era muito conteúdo, muitas provas e pouco tempo para administrar tudo. Muitas vezes, abri mão da minha vida particular para estudar. Lembro desse período com muita angústia. Tornei-me uma pessoa fechada para o mundo durante o ensino médio, desisti do basquete que eu adorava, desisti do inglês e das festas. Finalmente, estava do jeito que a escola me moldou: uma boa aluna que tirava boas notas. E, apesar de toda essa carga negativa, ganhei do ensino médio excelentes amigas, que são partes da minha vida até hoje, amigas de luta. Cada uma seguiu um rumo diferente nas profissões, mas a nossa amizade, que foi consolidada em um momento tão difícil para nós, se tornou essencial na minha vida.

É chegada a hora do vestibular e todo o conteúdo do ensino médio inteiro seria cobrado na prova. Desesperei-me. Algumas vezes, larguei tudo e outras, consegui me manter concentrada. O resultado do vestibular era sempre um momento tenso, que parecia ser a única opção para a minha vida, pois tanto dinheiro investido na minha educação só poderia retornar em forma de agradecimento para meus pais com a aprovação. Isso na minha cabeça, pois na deles só o que esperavam era a minha felicidade.

A escolha pelo Curso de Pedagogia foi algo muito intuitivo, por eu sempre ter em mente a vontade de fazer a diferença no mundo e lembrar da minha infância escolar como algo traumático. Em função disso, decidi fazer pedagogia na tentativa de fazer a diferença na vida de alguém, no caso as crianças.

Fiz curso pré-vestibular após o término do ensino médio e, neste período, minha carga de estudos aumentou ainda mais. O clima de competitividade era ainda maior, ninguém se falava, ninguém fazia amigos. Sentia o meu corpo atrofiado, só o usava para ir ao cursinho e voltar. Já a minha mente estava hipertrofiada, me sentia muito cansada nesse período, sentia muito sono e estava emocionalmente afetada. O nervosismo foi tanto na hora de fazer a prova, que não passei no vestibular. Saí aos prantos do local de prova após me decepcionar com o meu desempenho na redação. Minha mãe sugeriu-me iniciar o curso de pedagogia em uma faculdade particular e eu aceitei para dar um fim àquela angústia do vestibular. Ao entrar na faculdade, tive uma sensação maravilhosa, parecida com a sensação de liberdade na minha infância. Pela primeira vez, estava fazendo algo que eu escolhi, algo de que eu gostava, estudava coisas do meu interesse e não o que me mandavam. Com uma notícia inesperada, descobri que havia sido aprovada no vestibular da UnB pelas vagas remanescentes. Fiquei plenamente feliz. Minha autoestima aumentou e, conseqüentemente, minha vida amorosa e emocional melhorou.

Ao entrar na UnB, passei por grandes transformações, que vão desde o modo de vestir ao modo de agir. Libertei-me da necessidade de me encaixar em um padrão de beleza, comecei a me aceitar e me achar bonita. Fiz muitas reflexões acerca de como a escola havia me moldado e me tornado uma pessoa insegura, incapaz e apática, mas, com o tempo, várias coisas que estavam guardadas em mim e não eram

úteis na escola começaram a ser necessárias na Universidade, como a curiosidade, o questionamento, a inquietação, a comunicação e a desenvoltura.

No decorrer do curso, algumas disciplinas me marcaram, e fui inclinando cada vez mais para a educação infantil. Esse universo me encanta e, por mais que eu imaginasse a educação infantil, só o campo imaginário não era o suficiente para mim. Porém, tinha receio de fazer estágio em uma escola tradicional e reviver os mesmos traumas daquela época em que eu era a aluna. Inesperadamente surgiu a oportunidade de eu fazer o processo seletivo para o PET – Educação (Programa de Educação Tutorial), onde permaneci um ano e seis meses. Essa experiência foi enriquecedora para minha formação profissional. O grupo sempre se renovava e, com esse fluxo, era sempre necessário readaptar o trabalho em grupo, integrar os novos participantes e conhecer novas áreas e perspectivas da pedagogia. No tempo em que fiz parte do PET, organizamos palestras, mesas-redondas, oficinas e, a cada nova experiência, podíamos nos aprimorar cada vez mais e aprender coisas novas com pessoas especialistas em várias áreas da pedagogia. Organizamos eventos com temas diversificados, como direito à cidade, cerrado, políticas públicas, educação integral, entre outros. Além do mais, tivemos saídas de campo, viagens para congressos, publicações de artigos e fizemos extensão em uma escola pública no Recanto das Emas, região administrativa do Distrito Federal, que foi a experiência mais significativa para mim. Fizemos observações por seis meses e, infelizmente, percebi que a escola como um todo não mudou muito desde a época em que eu era aluna. Eram as mesmas relações hierárquicas e autoritárias presenciadas no meu passado escolar. As turmas que observamos foram de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, nos apegamos muito aos alunos. Eles eram curiosos e logo fizemos amizade. Essas observações me fizeram refletir acerca do que faz uma professora chegar a ponto tão extremo de perder a paciência com os alunos, de perder o encanto por dar aula. O sistema educacional do jeito que está posto levará alguns anos para as pessoas internalizarem as mudanças de que a educação precisa para dar fim a formação de cidadãos acrílicos e reprodutores de conhecimento. A hora do recreio era, definitivamente, o momento mais feliz na escola. As crianças usavam todos os 15 minutos correndo para gastar toda a energia, mas, quando voltavam à sala de aula, tinham que voltar a serem robôs. No segundo momento do projeto de extensão, começamos a prática. Levávamos, toda semana, uma oficina relativa ao que

havíamos percebido que era uma necessidade na escola. Por exemplo: oficina de confecção de brinquedos, contação de estória, oficina de sentimentos, psicomotricidade, entre outras. Com essas oficinas, pudemos, em duplas, experimentar um pouco do que é a prática em sala de aula. Não é fácil. É preciso ter paciência e dedicação. Mas quando percebemos que, realmente, aprenderam algo significativo para eles, todos os problemas fizeram valer a pena. Quando eu saí do PET, levei comigo a convicção de que fizemos um ótimo trabalho lá e que essa foi uma experiência enriquecedora para nossa formação profissional.

A minha segunda experiência em escola foi como estagiária em uma creche particular. Eu ficava na coordenação pedagógica, mas tinha contato com as crianças. Assim, como eu temia, vivenciei, pela segunda vez na vida, alguns traumas na educação infantil. Porém, desta vez não foi comigo e, sim, com outras crianças. A escola tradicional continua a mesma: os alunos continuam passivos e o professor, a autoridade máxima. O foco da educação era os conteúdos, principalmente no processo de pré-alfabetização. Era mais importante a criança aprender a ler do que saber lidar com os próprios sentimentos. Algumas vezes, eu saí de lá chorando. Não entendia o porquê de a infância não ser respeitada. O momento de brincadeira livre se resumia a duas horas diárias nessa creche, que funcionava em tempo integral. As crianças permaneciam das 8h às 18h na creche e, grande parte do dia, se resumia às atividades impressas em sala de aula, além das atividades de rotina como almoçar, dormir e ir ao banheiro. Era tudo cronometrado pelo tempo e as crianças eram formadas para entrar nessa rotina. Infelizmente, tive poucas experiências boas nessa creche, mas levei comigo a vontade de fazer diferente quando for a minha vez.

Minha terceira experiência foi com o estágio obrigatório, necessário à graduação de pedagogia, e, finalmente, encontrei pessoas realmente comprometidas com a infância. Acompanhei durante um semestre, uma vez por semana as atividades do Ipê Amarelo e fiquei, realmente, encantada com a primeira escola inovadora em que tive contato. As crianças pareciam muito felizes naquele lugar. Possuíam liberdade para extravasar seus corpos e mentes. Quando os limites do corpo ultrapassavam, e acabavam machucando outras crianças, as educadoras mediavam, com respeito e paciência, cada situação. A interferência adulta nos momentos livres era mínima e as crianças podiam se relacionar e aprender a conviver entre pares. Faço parte do Projeto de Extensão Diálogos com Experiências Educacionais

Inovadoras- Autonomia, e as pessoas que participam desse projeto tão sensível e profundo, assim como a infância, têm concepções de educação parecidas com as minhas. Tive contato com escolas que acreditam na criança, têm cuidado com a infância e pensam na educação como parte da vida. Isso realmente me fez abrir os horizontes e ter esperança na educação.

A experiência que tive mais recentemente com a educação foi como estagiária do Vilarejo- Centro de Atividades Lúdicas. Bom, este espaço tem um lugar especial em meu coração, pois, além de conviver diariamente com crianças maravilhosas, tive uma equipe de trabalho excepcional. Tudo conspirava para o meu interesse e envolvimento com o espaço. O local era aberto, com bastante área verde e muito próximo de um ambiente familiar, o que trazia para os alunos uma sensação de reconhecimento e confiabilidade. A escola passa a ser um lugar de grandes experiências e momentos felizes. É muito gratificante fazer parte de um projeto que entende a criança em sua plenitude, como ser total e não apenas um vir a ser. A equipe me acolheu muito bem e diferente dos outros espaços eu não sou entendida apenas como mão de obra, mas como pessoa capaz de ensinar e aprender com as crianças. A preocupação com o meu aprendizado mais aprofundado, acerca da infância, a partir de teorias pedagógicas do método natural sempre esteve presente e isso foi um grande diferencial para mim, já que, em outros espaços, os profissionais devem apenas servir seus superiores em uma relação hierárquica criada dentro do espaço escolar. Existiram momentos tranquilos e felizes, mas existiram, também, momentos complexos, tristes e angustiantes e foi o conjunto dessas ocasiões que tornou o Vilarejo espacial para mim, pois foi em conjunto e coletivamente que procuramos soluções para os desafios e também compartilhamos coletivamente os bons momentos. O Vilarejo, para mim, foi um espaço de constante aprendizado, estudo, convivência, contato com a natureza, valorização profissional, espírito de coletividade, intensidade, delicadeza, amorosidade e profundidade. Agradeço principalmente a todas as crianças desse espaço com que convivi, pois me proporcionou enorme aprendizado.

Meu tema de pesquisa surgiu da combinação dessas diferentes experiências, pois ao mesmo tempo em que fui me dando conta que eu não concordava com muitas práticas na minha vida escolar, eu percebia, com os estágios durante a graduação, que estas mesmas práticas, como repressão e controle dos corpos e mentes dos

alunos, continuavam acontecendo com outras crianças nos dias atuais. E concomitante a isso conheci novas experiências de educação, que me fizeram enxergar possibilidades de uma educação mais justa e sensível. Por isso me interessei tanto pelo tema, já que eu como aluna e como educadora sempre me inquietei com essas questões. Toda essa minha trajetória me faz querer cada vez mais estar dentro da sala de aula, mas estar ciente de todos os desafios que enfrentarei na educação.

PARTE II: Monografia

INTRODUÇÃO

A educação é algo que está arraigado a um povo e à sua cultura. A escola vem, portanto, para sistematizar os saberes adquiridos no decorrer histórico da humanidade para as novas gerações e, assim, perpetuar esse saber. Apesar disso, atualmente a maioria das escolas, no contexto brasileiro, tem focado no ensino dos conteúdos e se distanciado dos princípios humanos, estéticos e morais desde a infância até a vida adulta. Essa situação se dá por uma mercantilização da educação, como diz Paulo Freire “Eis a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.” (FREIRE, 2014, p. 80-81)

Algumas escolas, entretanto, vêm na contramão dessa concepção, cultivando, em seu cotidiano, práticas pedagógicas centralizadas na criança, estimulando a criatividade e possibilitando práticas mais democráticas em seu funcionamento. Nesse sentido, a minha questão norteadora para este trabalho foi: o que move e motiva pais e professores a trabalhar por Práticas Pedagógicas Inovadoras na escola? Este trabalho é de total relevância para todas as pessoas que tem buscado uma educação diferente da que está posta, uma educação nova, mas que pode ter princípios tão primitivos como a coletividade e a fraternidade. O meu objetivo geral, portanto, é investigar como e por que pais e mães de alunos e educadores buscam práticas pedagógicas inovadoras nas escolas. Os meus objetivos específicos foram:

- 1) Investigar à luz das teorias o que são Práticas Pedagógicas Inovadoras;
- 2) Descrever e apresentar escolas com Práticas Pedagógicas Inovadoras
- 3) Cartografar o discurso de sujeitos que participaram de experiências escolares inovadoras.

Capítulo 1: Práticas Pedagógicas Inovadoras

Atualmente muitas escolas têm surgido com uma preocupação que vai além da centralidade nos conteúdos. O que se pode observar cada vez mais são espaços que se problematizam, que respeitam a infância e o desenvolvimento humano. Pode-se dizer que esses espaços possuem, portanto, Práticas Pedagógicas Inovadoras no seu cotidiano. Não só isso, mas existem vários elementos que caracterizam estes tipos de escolas, os quais descreverei ao longo deste capítulo.

Com o passar do tempo a criança foi vista e entendida de diferentes formas, como por exemplo na descrição de Philippe Aries (2006) ao dizer que a figura das crianças já esteve associada a uma posição de mini adultos, por exemplo. E além disso, a ideia de infância estava ligada à ideia de dependência, ou seja, só era possível sair da infância ao sair da dependência. O sentido dado a escola, portanto, também sofre diversas mutações, de acordo com o que se pretendia com ela ao longo do tempo.

A educação, segundo Brandão (1981), é “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.” (p.9). Logo entendemos por que a educação se apresenta de diferentes formas e sobre múltiplas perspectivas. Apesar disso, a educação sofreu uma escolarização padronizada forçosamente dos países europeus e norte-americanos sobre os países colonizados. Com a escolarização do mundo e a globalização, as culturas locais e, sobretudo, os conhecimentos populares se tornaram desvalorizados em muitas sociedades. Há, também, com esse movimento, um afastamento do ser humano com relação ao meio ambiente e, assim, a falta de habilidades com o manejo da terra e o plantio, por exemplo, além da falta de percepção da conexão entre a própria natureza humana e o meio ambiente.

No contexto histórico brasileiro, a escola sempre esteve ligada às elites, pois só frequentavam as escolas e conseguiam dar continuidade aos estudos filhos de pais com poder aquisitivo elevado e, dessa forma, essa relação de poder econômico e social se manteve e se mantém em muitos casos até hoje, mas de forma simbólica e subjetiva. A grande maioria da população permanecia analfabeta e, por necessidade,

iniciavam precocemente a vida no trabalho para ajudar suas famílias. A respeito disso, porém em contexto mundial, Illich explica:

“Até o século passado, as «crianças» das famílias da classe média eram formadas em casa com ajuda de preceptores e escolas particulares. Só com o advento da sociedade industrial tornou-se possível e acessível às massas a produção intensa da «infância». O sistema escolar é um fenômeno moderno, assim como o é a infância que ela produz.” (ILLICH, 1985, p.41)

Essa colocação de Illich a respeito do conceito de infância é muito interessante, pois, além do conceito de infância ser algo totalmente multável ao longo do tempo, as atribuições dadas às crianças também eram diferentes de acordo com o tempo e a cultura do contexto em que estava inserida

Recentemente com a obrigatoriedade das crianças e dos adolescentes frequentarem a escola, segundo a nossa Constituição Federal, e a criminalização do trabalho infantil, houve um aumento na frequência escolar.

“Art. 208.

I - Educação básica obrigatória é gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;” (BRASIL, 2009)

No entanto, outros problemas surgiram, como o aumento do número de analfabetos funcionais, e o aumento da evasão escolar, por exemplo, pois, mesmo a educação sendo gratuita e obrigatória, o sistema escolar funciona de forma descontextualizada para alunos que não fazem parte de um meio social em que promova o capital cultural segundo Bourdieu (2007). Para esse sociólogo

“cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar. A herança cultural que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” (BOURDIEU, 2007, p. 41-42)

Esses alunos são moradores de cidades periféricas, alunos que precisam ajudar a cuidar de seus irmãos mais novos em casa, por exemplo. Além disso, diversos outros fatores os levam ao afastamento do cotidiano escolar. A escola para

este público pode vir a ser fonte de conhecimento, mas de forma muito mais lenta e trabalhosa do que para alunos de famílias ricas. E assim como acontecia antigamente, a educação superior continua sendo constituída por alunos filhos de pais ricos em sua grande maioria. Isso acontece por vários motivos, como, por exemplo, a qualidade do ensino das escolas públicas, a falta de tempo para o estudo focado no vestibular, a necessidade de gerar renda para sua família, entre outros.

Fazendo uma conexão com o efeito que a escola tradicional pode causar, Ivan Illich (2012) afirma que essa instituição tem um efeito prejudicial para a sociedade, pois ela detém o poder da verdade e é a instituição especializada em educação. Portanto, os fracassos nela apresentados, para a maioria das pessoas, significam o quanto a educação é uma tarefa difícil e, muitas vezes, até impossível, resultando em inúmeras desistências e um quadro de desinteresse. A escola, neste sentido, é um espaço institucional de marginalizar as pessoas, as diferenciando em escolarizadas e não escolarizadas, e esta é levada diretamente para um lugar de exclusão, normalmente para profissões de pouco prestígio social ou até ao desemprego.

Outro grande problema que citado anteriormente é o vestibular. Esse se apresenta de forma desigual para as diferentes e complexas pessoas existentes. O vestibular é uma avaliação padronizadora que, de fato, não consegue abranger os diferentes conhecimentos e habilidades que cada um possui. Com o vestibular como único meio de ingresso nas Universidades, acontece uma reação em cadeia que faz com que grande parte das escolas dê prioridade aos conteúdos, à competitividade e à individualidade. Outra questão importante é a desvalorização de alguns saberes na escola, como o autoconhecimento, a educação ambiental, a educação nutricional, a cooperação e a responsabilidade e que, por consequência, estão em falta na nossa sociedade. Segundo Jacques Delors em relatório para a UNESCO (2010) defende quatro saberes fundamentais para a educação, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. O “aprender a conhecer” possibilitaria se beneficiar do conhecimento que é apresentado durante a vida. “Aprender a fazer” é algo igualmente importante para aprender a enfrentar diferentes situações. O “aprender a conviver” é necessário pois é importante perceber que temos uma relação de interdependência entre os seres humanos, essencial para nossa sobrevivência. E por fim o “aprender a ser” para desenvolver nossa personalidade e agir de forma cada vez mais autônoma e responsável com seus próprios atos.

A escola, com o passar dos anos, experimentou diversas transições metodológicas, mudanças de princípios, intencionalidades, formatos e mudança na formação dos professores. Ocorreram algumas tentativas de rompimento com o modelo tradicional de educação, um modelo que desrespeita a singularidade do aluno e estimula a cópia, a passividade e a obediência, onde o professor é o detentor do saber e age de forma autoritária com seus alunos, o ambiente é hostil e totalmente voltado para o controle do comportamento. Para Illich (1985),

“Sob o olhar autoritário do professor, diversas ordens de valores confundem-se numa só. A distinção entre moralidade, legalidade e valor pessoal torna-se confusa e é, eventualmente, eliminada. Toda transgressão torna-se uma ofensa múltipla. Espera-se que o transgressor sinta que violou uma norma, que agiu imoralmente e que traiu a si mesmo”. (ILLICH, 1985, p. 46)

Todo esse sistema age de forma subjetiva, moldando os alunos em formatos idênticos, formando pessoas ignorantes acerca de vários saberes, além de pessoas individualistas incapazes de perceber que precisam umas das outras para sobreviver. Saberes como lidar com seus próprios sentimentos, se autoconhecer e se conectar com a natureza são deixados de lado por exemplo.

Situarei um pouco do contexto da educação no Brasil, que vai contra o modelo de escola tradicional, a partir de três momentos distintos: a Escola Nova, a Pedagogia Libertadora e as iniciativas atuais. A realidade, porém, é muito complexa, rica, dinâmica e contraditória para se fazer uma síntese desses três momentos históricos. Portanto, não será possível descrever toda a complexidade existente nesses períodos, mas tentarei trazer os elementos que acredito serem mais marcantes para cada movimento.

1.1 A Escola Nova

Na década de 1930, originou-se uma nova teoria pedagógica, que se opunha às ideias da escola tradicional. Essa teoria, denominada Escolanovista, foi introduzida pelo Movimento dos Pioneiros da Escola Nova em um momento de grandes reformas educacionais em conjunto com críticas contundentes à Pedagogia Tradicional no contexto brasileiro. Os pressupostos teóricos que orientaram a Escola Nova derivam

de concepções de autores, a exemplo de Froebel, com os primeiros jardins de infância, de Decroly e Montessori. (Godoy, 2009)

A visão dessa teoria é que “o aluno se torna centro do processo educativo, deixando de ser um mero espectador e assumindo o papel principal em sua aprendizagem” (Godoy, 2009, p. 21)

Para Kramer (1989), dentre os princípios da Escola Nova, se destacavam:

“a valorização dos interesses e das necessidades da criança; a defesa da idéia do desenvolvimento natural; a ênfase no caráter lúdico das atividades infantis; a crítica à escola tradicional, porque os objetivos desta estão calcados na aquisição de conteúdos; e a consequente prioridade dada pelos escolanovistas ao processo de aprendizagem” (KRAMER, 1989, p.25)

A Escola Nova surge como um avanço em detrimento da escola tradicional tanto na forma de enxergar o aluno, como na prática do professor. Era um formato de escola mais democrático. Anísio Teixeira foi um dos líderes dos Movimentos dos Pioneiros e da Escola Nova no Brasil e que, inclusive, elaborou o Plano Educacional de Brasília. Ter uma educação centrada no aluno sugere a credibilidade que se dá no potencial do mesmo, na possibilidade de instigar a curiosidade e gerar situações que conduzam à autonomia.

A escola nova foi um movimento muito importante no Brasil, já que rompeu com paradigmas que engessavam a educação. Fazendo uma analogia da Escola Nova com Rancière, podemos dizer que a pedagogia tradicional era o método embrutecedor segundo Rancière (2002), pois esse se revelava por práticas centralizadas na figura do professor, que tinha a missão de transmitir seus conhecimentos aos alunos. Ao contrário disso, Rancière passou a acreditar na necessidade de um mestre explicador, cuja função era “explicar, destacar os elementos simples dos conhecimentos e harmonizar sua simplicidade de princípios com a simplicidade de fato” (RANCIÈRE, 2002, p.19). De acordo com o mesmo autor, o Ensino Universal é um método emancipador e quem emancipa deve estar ciente de um fato, o que o emancipado vai aprender não deverá ser uma preocupação do emancipador, já que ele aprenderá o que quiser, podendo até não aprender nada. O primeiro princípio do Ensino Universal é que “é preciso aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto.” (Rancière, 2002, p. 41). Ou seja, a liberdade, a autonomia e a emancipação, fazem parte do Ensino Universal, assim como os anseios da Escola Nova também seguiam esse

caminho, de romper com um ensino focado na transmissão de conteúdos de forma segregada dos interesses dos alunos e de forma repetitiva e mecânica.

O que poderíamos chamar de norte da Escola Nova seria o “aprender a aprender”, isso quer dizer que o modo que se aprende é muito mais estimado que apenas o conteúdo, como acontecia na escola tradicional. A Escola Nova preconizava uma educação voltada para o sujeito e o seu tripé era: liberdade, individualidade e atividade segundo Godoy (2009). Esse foi um período de muita valorização dos processos criativos e dos processos de aprendizagem.

Os anos que seguiram foram marcados por um Ensino Tecnícista. Nesse modelo de escola, o centro do processo pedagógico passa a ser os “meios” ou recursos e os alunos e professores meros executores de tarefas. Segundo Godoy (2009), os recursos passam a ser fundamentais e o que a escola objetiva, nesse momento, é a ordem, a produtividade, a eficiência e a eficácia.

1.2 Educação Libertadora

A educação libertadora teve início com Paulo Freire, que foi educador, alfabetizador de adultos e filósofo brasileiro. Freire deixou uma enorme contribuição à humanidade, trazendo ensinamentos voltados ao contexto social dos alunos e uma busca, incessante, por equidade de direitos. Ele traz a necessidade de um professor que possibilite aos seus alunos ferramentas para se tornarem cidadãos criticamente conscientes. Além disso, que se libertem da situação de oprimidos, mas não para se tornarem opressores e, sim, para terem consciência e romperem com esse sistema desigual que os aprisiona.

A educação libertadora é marcada por uma grande participação popular, “uma educação do povo e pelo povo, para o povo e com o povo” (SAVIANI, 2013, p. 415). Era trabalhado, fortemente, o conceito de classe, a educação poderia ser uma reprodutora da ideologia dominante ou desmascarar essa mesma ideologia. Na educação libertadora, o educador deve saber que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p. 47)

A educação popular possibilitou, a muitos trabalhadores, uma alfabetização crítica, contextualizada e com visão de mundo, além de uma grande aproximação com movimentos populares e o empoderamento desses sujeitos. A educação libertadora traz contribuições hoje em dia, como a preocupação com uma prática educacional que emancipe e um olhar mais sensível e atento ao contexto do aluno. Paulo Freire escreveu livros, como a *Pedagogia do oprimido*, que buscam uma transformação estrutural na sociedade a partir da educação. Esse escrito nos faz refletir acerca das mínimas práticas opressoras do dia a dia, que, de forma subjetiva, continuam sendo reproduzidas.

Segundo Saviani (2013), a educação libertadora, formulada e difundida por Paulo Freire, era focada na autonomia das organizações e no saber do povo, que aspiravam uma educação autônoma e, até certo ponto, fora da estrutura escolar. A educação autônoma foi algo realmente inovador, pois só uma educação que almeje a emancipação é capaz de transformar o mundo. Uma educação que necessita da dependência de seus alunos é digna de uma posição opressora, que impede os sujeitos de se tornarem criticamente conscientes acerca do seu lugar no mundo e, conseqüentemente, esconde a ideia de que todos nós somos sujeitos que construímos história. O nosso presente está a construir uma nova história a cada dia, e os dados e personagens históricos não são nada mais, nada menos, que a consequência do contexto histórico, onde todos tiveram participação. Muitas informações dos livros didáticos de história são ocultadas, principalmente a respeito das minorias políticas e isso se tornou um reforçador de que o povo não faz história, mas isso está equivocado e a educação libertadora veio no intuito de conscientizar esses povos.

Com a educação libertária, iniciaram-se vários projetos de alfabetização de adultos pelo Brasil. Isso demonstra a importância que se foi dada a cada sujeito e à necessidade de empoderamento por meio da educação. Esse acontecimento nunca antes foi presenciado no Brasil. Pelo contrário, a alfabetização da classe marginalizada já não era prioridade, se tratando de adultos trabalhadores então muito menos. A alfabetização era uma barreira a mais para a classe oprimida, quanto menos pessoas escolarizadas mais mão de obra barata e, conseqüentemente, lucro para a classe opressora. Até os dias atuais, é possível observar essa desigualdade na

escolarização. A maioria dos que têm acesso às universidades são oriundos de famílias com alto poder aquisitivo, por exemplo.

Paulo Freire, com a educação libertadora, possibilitou um olhar diferenciado para a educação de adultos atualmente. Ao invés dos adultos serem alfabetizados da mesma forma que são alfabetizadas as crianças, com matérias e recursos infantis, eles são alfabetizados partindo de suas próprias experiências de vida. O processo educativo era totalmente significativo e experiencial. Trazendo para o campo da educação infantil, esse processo deve se dar da mesma maneira. É claro, com o respeito às limitações de cada sujeito, porém, deve ser um processo significativo e experiencial, pois, “agir sem vontade ou sem reflexão não produz um ato intelectual” (RANCIÈRE, 2002, p. 84). E, apesar dos poucos anos de vida de uma criança, na educação infantil, não faltam experiências e motivos para serem trabalhados em sala de aula com as mesmas.

1.3 Tendências e Iniciativas Atuais

Atualmente, é possível identificar muitas iniciativas diferenciadas na educação, que buscam romper com a prática reprodutivista e conteudista das escolas tradicionais. A essas escolas é dada a denominação de Inovadoras, ou seja, tudo aquilo que não é tradicional, tudo que minimamente problematiza os velhos hábitos retrógrados na educação. Segundo Ivan Illich (1985), “a busca de alternativas na educação precisa começar com um entendimento prévio acerca do que entendemos por «escola».” (ILLICH, 1985, p.40). Ou seja, para uma transformação profunda na educação se faz fundamental uma reconceitualização, ressignificação e, como consequência, uma reestruturação da escola.

Esse olhar diferenciado para o ambiente escolar deve partir de uma concepção sensível ao ser humano e, principalmente, de infância delicada e, ao mesmo tempo, profunda, pois a infância é um marco de vida, onde ficarão nossos primeiros registros. É na infância que o mundo nos é apresentado, toda e qualquer experiência, por mais ingênua que possa parecer, pode ser uma experiência totalmente nova para um ser recém-chegado ao universo. Da mesma forma que a infância deve ser respeitada e

acolhida, ela, também, representa o desconhecido. Para Larrosa (2015), a infância é aquilo que já sabemos dela, mas, também, é uma incógnita,

“A infância como um *outro* não é o objeto (ou o objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo: não é o ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, seu limite exterior, sua absoluta impotência: não é o que está presente em nossas instituições, mas aquilo que permanece ausente e não abrangível, brilhando sempre fora de seus limites.” (LARROSA, 2015, p. 185)

Criamos instituições, saberes, práticas e até profissões especializadas em crianças, direcionadas para esse público, na tentativa de conhecê-las e entendê-las, entretanto esta tentativa está relacionada ao intuito do adulto exercer poder sob a criança. Há, porém, muitos fatores a respeito das crianças, que nos é enigmático, desconhecido e nos causa um certo desconforto, uma sensação de perda de controle e inquietações acerca dos nossos saberes preestabelecidos e das nossas sólidas instituições.

É necessário, pois, pensar a infância com toda a complexidade que nela está inserida, e que muito dessa complexidade extrapola o nosso limite de compreensão. O mais honesto que se espera nestas situações é admitir nossa impotência, para tratar o período da infância com respeito, dignidade e admiração. Para enriquecer esse pensamento, utilizarei as palavras de Larrosa (2015), “Desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios” (LARROSA, 2015, p. 187)

A infância, e mais especificamente os anos iniciais, tem uma função determinante na vida do sujeito. É nesse período que um mundo é apresentado a ela, de forma sensível e afetiva, vai explorando-o de diversas formas, seja com o tato, com sons, com cheiros etc., contudo, “a experiência não constitui em si uma aprendizagem, mas a aprendizagem não pode passar sem a experiência” (PACHECO, 2013, p. 108). Por isso, a escola é tão fundamental para orientar e mediar esses processos de experiência, para que eles se tornem o ponto de partida do conhecimento, se tornando cada vez mais complexos e profundos.

As crianças que têm contato, diariamente, com espaços que possibilitam essas vivências descobrem o mundo com maior amplitude e segurança. Quanto mais seguras, mais autônomas elas poderão ser. “A autonomia é um construto que se

define, principalmente, no âmbito de uma formação colaborativa” (PACHECO, 2013, p. 118). Além disso, as crianças precisam de espaços sem limites para criar. Não são necessários brinquedos caros para se desenvolver, pois qualquer ser humano tem a capacidade de criar quando se depara com uma situação de necessidade ou interesse pessoal. Muitas crianças de gerações passadas construíam seus próprios brinquedos. Tudo pode se tornar um brinquedo e são esses momentos de criatividade que fortalecem a imaginação. A imaginação é algo muito importante e necessário à vida de qualquer pessoa, desde imaginar histórias de contos de fada a solucionar problemas pessoais.

As crianças que são privadas desses momentos livres e criativos e, pelo contrário, são induzidas tão cedo à cópia e à reprodução, desenvolvem cada vez menos habilidades para ter produções artísticas e literárias por exemplo. Um exemplo de privação da criação seria uma professora que apresenta uma proposta a seus alunos de desenhar a sua própria mãe com formas geométricas, mas a proposta já tem padrões pré-definidos por ela e se o aluno fugir daquele padrão será considerado um erro. O conceito de “erro” ainda é trabalhado como punição, e não como tentativa de acerto. E quando se trata de produções artísticas e literárias não existe “erro”, pois cada um tem o direito de se expressar da maneira como bem entender, se limitamos isso, bloqueamos os processos criativos das crianças. O desenho e as produções artísticas, em geral, são desvalorizados nas escolas tradicionais atuais após a conclusão da educação infantil, ou até antes, muitas vezes. Na primeira infância, o desenho é muito estimulado. Porém, não com a importância que deveria ter. Ele é apresentado, normalmente, em momentos de lazer ou em momentos para ocupar o tempo em sala de aula. Quando se inicia a alfabetização, há um choque brutal, pois há a desvalorização do desenho em detrimento da escrita, que, muitas vezes, se apresenta de forma dissociada da vida do aluno.

Da mesma forma a brincadeira, que sempre esteve presente na humanidade, mais frequentemente no meio social da criança, mas também no meio adulto, e mesmo assim era descartada pela escola. Hoje em dia sabe-se da importância que tem a brincadeira para o desenvolvimento humano e que, portanto, não pode estar longe da escola. Muitas escolas tradicionais têm mudado suas concepções sobre a brincadeira e as escolas com práticas inovadoras entendem a brincadeira como algo fundamental para o desenvolvimento da criança, por isso a maioria dos conteúdos é

apresentado de forma dinâmica e até com jogos e brincadeiras, além do mais um grande período é designado ao parque, onde podem brincar livremente e organizar suas brincadeiras.

Por meio do lúdico podem-se gerar muitos aprendizados, de forma mais prazerosa do que apenas um conteúdo desconexo para a criança ler e copiar. É através das brincadeiras que a criança cria a partir daquilo que já conhece, do que está presente no seu meio social. Isso acontece, por exemplo, quando a criança se fantasia de alguma profissão, ou quando brinca com os papéis sociais de algum objeto como o telefone.

Uma característica fundante é que nas brincadeiras estão presentes a emoção e sentimentos como o medo, raiva, satisfação e alegria por exemplo. E aí está uma ótima oportunidade de se trabalhar estes sentimentos de forma sadia e educativa. Para Santos (2010) ao se trabalhar com jogos, brincadeiras e dinâmicas o professor não está só ensinando conteúdos conceituais, mas também está educando as pessoas integralmente, tornando-as mais humanas por meio do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, moral e físico. Logo, é necessário que a criança continue brincando na escola, pois a partir da brincadeira construirá conhecimento de si mesma, do mundo e dos outros.

Os brinquedos também são igualmente importantes nesse processo, entendendo que, eles podem ser construídos pelas próprias crianças, os brinquedos só têm sentido se tiver alguém para interagir com eles, pois “Brinquedo bom tem de ser desafio. Brinquedo bom tem de fazer pensar” (ALVES, 2014, p. 32). Não adianta apresentar um brinquedo que faça tudo sozinho e que não instigue a criança a pensar e a criar a partir dele. É preciso fazer com que a criança planeje, imagine e execute.

Da mesma forma que é preciso repensar estes espaços de educação a partir das relações, do lúdico, das brincadeiras e dos processos é preciso também compreender o termo que está em voga atualmente para se referir a este modelo de educação. O título “práticas inovadoras” pode sugerir ligação com a tecnologia, mas não, necessariamente, está diretamente relacionado a isso. Algumas escolas adotam a tecnologia como instrumento, mas, certamente, esta não é a centralidade dada nesses espaços. A centralidade é no aluno. Larrosa (2015) traz algumas considerações a respeito de como tem acontecido o processo de solicitação,

frequente e compulsivo, de inovação, do original e do espontâneo no nosso contexto atual, e o quanto isso pode ser prejudicial a nossa sociedade, pois, ao se solicitar, com tanta veemência e rapidez, resultados, esses atributos se transformam em mercadoria por meio de sua adaptação às leis de mercado. Fazendo uma conexão com o cenário escolar atual, fica claro o quanto esses fatores, como inovação, criatividade, originalidade e espontaneidade, são almeçados como resultados de um processo de formação escolarizada. Entretanto, contraditoriamente, essa busca tem se refletido de forma artificial e mecânica. Por isso é necessário ter muita cautela com os valores e as práticas exercidas nas escolas, para que elas não acabem reproduzindo uma sociedade do consumo. É preciso, pois, refletir a respeito de cada ato dentro e fora do espaço escolar, professores, famílias, alunos e funcionários para a consolidação de uma consciência crítica.

A consciência crítica, para Rancière (2002), é, na verdade, a tomada de consciência de que temos uma igualdade inata em nós, seres humanos, pois, intelectualmente, podemos tudo que pode um homem, ou seja, ninguém é inferior a ninguém na ordem intelectual. A essa tomada de consciência, Rancière (2002) titula “emancipação”, o que, segundo ele, “abre o caminho para toda aventura no país do saber.” (RANCIÈRE, 2002, p. 49). Para Larrosa (2015), a tomada de consciência, também, resulta na transformação do indivíduo, “Um dos efeitos da tomada de consciência é que cada um sente a necessidade de reescrever, a partir desse momento de mudança, sua própria história” (LARROSA, 2015, p.32). Os dois autores se complementam nesse caso, pois a tomada de consciência-emancipação-reescrita da própria história são elementos que estão diretamente conectados. É necessário que a escola esteja atenta para esses elementos, de forma a emancipar seus alunos a partir de uma tomada de consciência, que resultará na reescrita de suas próprias histórias. Esse é um objetivo muito sério a ser alcançado na educação, já que, atualmente, a maioria das escolas tradicionais formam pessoas totalmente dependentes e pouco reflexivas.

Nas escolas com práticas pedagógicas inovadoras, foi possível observar, em suas práticas, uma concepção que leva a sério a emancipação e que se preocupa em apresentar saberes históricos, partindo dos princípios de que todos nós fazemos

história, entendendo o sujeito como pessoa autora de si mesma. Além disso, há o estímulo à criatividade e à autonomia individual e coletiva.

Outro fator importante está nas aprendizagens significativas, ou seja, o que é trazido de conhecimento na escola deve ser útil e contextualizado à vida do aluno. Há, também, um estímulo à pesquisa, realizada pelo próprio aluno, com o intuito de aprofundar algum conhecimento ou até sanar alguma curiosidade. Desta maneira, o aluno se sente muito mais participante do seu processo de aprendizagem, já que ele é conduzido partindo de temas do seu próprio interesse. A respeito dessa contextualização dos conteúdos, Rubem Alves (2004) afirma: “O ato de aprender acontece em resposta a um desejo” (p. 39). Quando há uma obrigatoriedade em aprender algo escolhido por alguém que não seja você mesmo, esse aprender se torna desinteressado. Normalmente, ele está associado à preocupação com a punição, que poderá receber se não cumprir essa obrigação. Infelizmente, é assim que a curiosidade vai se acabando pouco a pouco, e que a leitura deixa de ser algo incrível e passa a ser apenas uma obrigação. Mas, em todos os anos de escolarização que passamos e que nos foi jogado milhares de conteúdos, é certo que algumas coisas ficam conosco, e é justamente aquilo que nos é significativo. Para Larrosa (2015), “trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito” (p. 52)

Segundo Kramer (1989), se formos em direção a uma educação que tenha por objetivo construir uma prática autônoma, cooperativa, crítica e criativa, o desenvolvimento infantil pleno e a aquisição do conhecimento acontecerão simultaneamente. Nesse sentido, as escolas com práticas pedagógicas inovadoras, em sua grande maioria, têm apresentado princípios em comum, a exemplo da solidariedade, corresponsabilidade e autonomia, o que favorece uma formação integral da criança, correspondente a um desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social.

Todas as relações que perpassam a escola devem ser carregadas de respeito no tratamento com todos os envolvidos no processo escolar, segundo Pacheco:

“A violência simbólica das propostas educativas, os constrangimentos culturais, a reprodução da estratificação social, somente poderão ser problematizadas no confronto com interlocutores

tradicionalmente marginais ao processo de formação de professores: os alunos, a família, outros agentes educativos ” (PACHECO, 2013, p. 31)

O que se tem visto é, atualmente, uma terceirização da educação, ou seja, essa função de educar as crianças passa a ser unicamente das escolas, tirando dos pais essa responsabilidade. Mas é preciso, pois, pensar o que leva os pais a essa situação. Será a quantidade de horas de trabalho elevadas? Será a confiabilidade dada à escola? Será a comodidade? Ou serão todos esses fatores juntos? Bom, não dá para ter nenhuma certeza, mas o que as escolas com práticas pedagógicas inovadoras têm feito é trazer essas famílias para dentro das escolas, para serem e se sentirem, também, responsáveis por um processo contínuo de educação.

1.4 A Relação Família- Escola

A participação das famílias no cotidiano escolar é essencial. Sem elas, não é possível fazer um trabalho contínuo, a educação passa a ser algo segmentado, algo puramente paliativo, pois uma educação para a pessoa completa está em comunhão com o mundo externo, é algo que, também, faz parte deste mundo e está nela. O que parece ter acontecido com as escolas, nos últimos anos, é ter se fechado para o mundo, fechado para as famílias, fechado para relações sociais internas e externas. Mais do que essa ilusão de bom relacionamento existente dentro desses espaços, o caminho escolhido por esses agentes foi negar tudo isso, maquiar as escolas com decorações extravagantes, valorizar o espaço e a estrutura e esquecer das relações e dos processos significativos de aprendizado. O que torna uma escola, um espaço educativo de fato são as pessoas, nada além disso. A estrutura, o currículo e a decoração não deixam de ser importantes, mas estão em segundo plano.

As escolas com práticas pedagógicas inovadoras têm se preocupado mais com as relações mantidas nas escolas, tanto entre professores, quanto com os pais, entre os alunos, funcionários, coordenação e direção. O que tem acontecido é uma ressignificação do espaço escolar e uma reconceitualização dos papéis de cada envolvido. Além disso, é perceptível que, nesses espaços, há uma cautela quanto às relações de poder, de acordo com Larrosa (2015),

“O poder não é, muitas vezes, outra coisa que um fazer calar através de uma linguagem que intimida e apequena, nem esse calar que é, simplesmente, o efeito terrível da mudez, da confusão, da incapacidade para a palavra.” (LARROSA, 2015, p. 47)

O professor deixa de ser o protagonista e a direção passa de chefia à liderança, e, mais do que tudo isso, os alunos, que estavam no mais baixo patamar de reponsabilidade e influência nas escolas, passaram a ser ouvidos e responsabilizados. Quando alguém compreende e sente que sua opinião faz diferença, e que suas atitudes refletem todo um trabalho conjunto, o seu modo de enxergar um espaço muda. Os seus hábitos deixam de ser individuais e passam a ser coletivos. E isso faz toda a diferença em um espaço educacional, pois a escola compreende uma heterogeneidade de pessoas e pensamentos e o seu trajeto deve ser tornar essas relações harmônicas e respeitosas.

De acordo com Kramer (1989), os conflitos no espaço escolar podem surgir. O que deve ser diferente é a condução que se tem tomado de acordo com cada situação. Os conflitos não devem ser encobertos, mas, também, não podem ser reforçados. Para um tratamento adequado, é necessário que esses conflitos sejam explicados e trabalhados naturalmente com o propósito da inserção social da criança no grupo e para que, nas diferenças, as crianças se sintam valorizadas, passando a desenvolver sua autonomia, sua identidade, sua solidariedade e seu espírito de cooperação com os demais. Ainda segundo a mesma autora: “Reconhecer as crianças como seres sociais que são implica em não ignorar as diferenças” (KRAMER, 1989, p. 19). Da mesma forma, deve acontecer entre os professores e entre a escola e a família, com conversas claras e respeitosas.

Capítulo 2: Experiências de Práticas Pedagógicas Inovadoras

Qual seria então o papel do professor nesses novos espaços inovadores se não detentores do saber? Muito simples, os professores agora são facilitadores do conhecimento, ou seja, o aluno recorre ao professor para pedir a sua ajuda e conselho quando quiser aprender algo. Larrosa define o professor como “alguém que conduz alguém até si mesmo.” (LARROSA, 2015, p. 51). Essa nova relação entre professor e aluno só tende a gerar bons frutos, pois algo que já foi impensável, como a troca e o diálogo entre professor e aluno, agora tem se tornado hábito. Essa relação é positiva para ambos, pois o professor, ao “descer de sua posição hierárquica”, aprende muito com os seus alunos e os alunos por sua vez conquistam uma aprendizagem significativa e autônoma. Segundo Rancière (2002): “É o segredo dos *bons* mestres: com suas perguntas, eles guiam discretamente a inteligência do aluno – tão discretamente, que a fazem trabalhar, mas não o suficiente para abandoná-la a si mesma” (RANCIÈRE, 2002, p. 51)

Existem alguns espaços de educação no Brasil que são considerados inovadores. Tive a oportunidade de conhecer um pouco melhor duas iniciativas no Distrito Federal, o Ipê Amarelo e a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Será apresentado também características da Escola da Ponte, em Portugal, que se configura como grande inspiradora de muitas escolas inovadoras no Brasil e a Escola de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, uma escola pública brasileira, que decidiu reconstruir o seu modo de enxergar a educação.

Para que fosse realizada a descrição das escolas, as informações foram compiladas a partir da análise dos documentos disponibilizados em materiais digitais, impressos ou em entrevistas realizadas com as pessoas que respondem pela escola. Os sites referentes às informações coletadas de cada escola estão no tópico “Referências” deste trabalho.

2.1 Ipê Amarelo

O Ipê Amarelo foi um projeto que surgiu de um grupo de mães que estavam precisando voltar aos seus trabalhos, mas queriam um espaço educativo diferenciado para seus filhos. A intenção, no início, era que elas pudessem ficar mais perto de seus filhos. Para isso, iriam se revezar, cada mãe, uma vez por semana, com todas as crianças e mais uma pessoa fixa, no caso a mentora do Projeto atualmente, a Clara, que também é mãe de uma das crianças do Ipê, que é formada em pedagogia pela UnB e foi integrante do Projeto Autonomia. Com o tempo, decidiram que o revezamento não seria viável. Então, optaram por deixar duas pedagogas fixas todos os dias.

Uma dificuldade encontrada no início do projeto foi na busca por um lugar disponível para a sua realização. Foi aí que, em conversa com a mãe da Clara, que o local definido para o Ipê seria a própria casa dela, que também é pedagoga e acabou se envolvendo com o projeto. Após algum tempo, algumas mães foram desistindo, por diferentes motivos, e o projeto chegou num momento que precisaria de mais crianças para se manter financeiramente, então o Ipê foi aberto para outras crianças e passou a funcionar nos dois turnos. Desde o início, o funcionamento da gestão do projeto aconteceu de forma muito coletiva. Os pais e as professoras decidiam tudo coletivamente. Até que teve um momento em que um pai sugeriu que a Clara e sua mãe tomassem conta dessa parte da gestão e elas começaram a pensar nessa possibilidade. Após refletirem e pesquisarem qual seria o melhor modelo de gestão para o Ipê Amarelo, optaram pela gestão democrática, pois, assim, os pais não deixariam de participar, mas as decisões técnicas e administrativas seriam tomadas por elas, o que facilitaria tomadas de decisões que precisavam ser mais rápidas e quem não, necessariamente, precisariam da opinião dos pais. Mas os assuntos mais relevantes sempre foram discutidos com os pais, até o valor da mensalidade, por exemplo.

Atualmente, o número de alunos cresceu e eles mudaram de espaço físico, a pedido dos pais, para ficarem mais próximos do Plano Piloto. Com a mudança de espaço físico, vieram novas famílias e todas elas, apesar da singularidade de cada uma, estavam dispostas a construir coletivamente. Então, nos momentos que eram feitas reuniões no início do projeto, agora eles fazem festas e confraternizações para uma maior aproximação entre escola e família. A turma foi dividida em dois grupos, levando em consideração idades mais próximas para tal divisão, e novos professores

agora fazer parte da equipe do Ipê, além de parceria com outros projetos, dentre eles um professor de educação física, que trabalha a motricidade e o Projeto Sementes, que trabalha com musicalização.

A mentora do projeto fala que eles ainda têm muitos sonhos que desejam realizar no Ipê e que eles só não aconteceram ainda porque não têm tempo, ou porque não têm dinheiro, ou porque não têm espaço, mas, aos poucos, os processos vem acontecendo. No primeiro semestre de 2016, eles já possuíam uma bolsa integral para um aluno e outras bolsas, de vinte por cento, trinta por cento, por exemplo. As relações que perpassam o Ipê são permeadas de respeito e o diálogo entre a escola e a família está sempre aberto.

O que as famílias têm mais procurado no Ipê é um ambiente acolhedor, que recebam os filhos deles com amor e que eles se sintam num ambiente familiar. A equipe Ipê Amarelo acredita em um desenvolvimento integral da criança que as encoraje para alçar seu próprio voo com segurança e alegria, o espaço precisa ser acolhedor e respeitar o ritmo natural de cada criança. Trabalha com o Método Natural e a Pedagogia Waldorf. Dentre as propostas de atividades, estão o brincar livremente, o que é fundamental para o desenvolvimento infantil, já que é um dos poucos momentos em que os adultos não interferem, e é, também, o momento em que eles podem ser organizar entre eles, se dividir, planejar, criar e explorar. Os brinquedos utilizados em sua grande maioria são confeccionados de materiais naturais e outros são doações das famílias. Há um incentivo à consciência alimentar, o contato com a natureza e a autonomia de cada criança.

O Ipê Amarelo é um espaço muito recente, não tem dois anos de criação, mas, apesar disso, tem se mantido coerente com suas propostas desde o princípio e outro fator muito importante é que as pessoas que fazem parte do projeto não estão dispostas a se fechar como verdades imutáveis, muito pelo contrário, a participação das famílias é requerida e ouvida com o intuito de crescerem coletivamente e isso tem se tornado cada vez mais raro em escolas tradicionais, já que as famílias, nesses espaços, são vistas como vilãs. Iniciativas como essas, de pessoas tão apaixonadas pelo que fazem, inspiram outras pessoas e outras instituições para continuarem ou começarem a trilhar pelo caminho alternativo, ou seja, não tradicional, de educação, já que esses novos espaços têm trazido bons frutos.

2.2 Associação Pró- Educação Vivendo e Aprendendo

Fundada em 1982 como associação sem fins lucrativos, organizada por um grupo de pais, acadêmicos e profissionais do ensino que buscavam um espaço onde a criança fosse reconhecida como sujeito capaz de pensar, criar e fazer escolhas. Até hoje, a escola permanece com esse caráter associativista, o respeito à infância da criança como um todo. Esse caráter é um dos grandes fatores que diferencia esse espaço educativo dos demais, pois todos se tornam igualmente responsáveis por gerir a escola, educadores, alunos, pais ou responsáveis, funcionários e todos que estiverem envolvidos no processo educacional na escola.

Além de todos serem responsáveis, todos têm poder de decisão e direito à participação por meio de assembleias compostas pelo conjunto de envolvidos no processo educativo, exceto as crianças. Os temas discutidos nas assembleias são os mais variados, dependendo da necessidade e urgência do tema a ser debatido. Existem comissões compostas por pais, educadores e responsáveis com o intuito de facilitar o gerenciamento da escola, alguns exemplos de comissões atualmente são a comissão responsável pela agrofloresta, e discussão acerca da questão racial.

A Vivendo e Aprendendo tem práticas diárias muito características e interessantes, alguns exemplos são:

- **Os combinados:** é uma espécie de acordo ao qual as crianças chegam com a ajuda dos educadores, pois na Vivendo e Aprendendo as regras não são impostas. Pelo contrário, são frutos de reflexões.
- **O não gostei:** é um termo usado para se expressar, quando alguém não gostou de algo, de alguma situação, ou qualquer coisa que a pessoa que se sentiu magoada gostaria de expor. Dessa forma, o diálogo é estimulado para a resolução de conflitos.

- **O não rotular:** o respeito mútuo, a solidariedade e a não utilização de rótulos são estimulados entre crianças, pais, mães, educadores e demais profissionais.
- **O dia da culinária:** uma vez por semana, educadores e crianças preparam, juntos, um alimento, utilizando a culinária como ferramenta de exploração e reflexão para diversos temas.
- **A vertical:** momento de interação feito com a presença de todas as crianças da escola uma vez por semana. Espaço para as crianças grandes interagirem com as pequenas, trocarem experiências e aprendizados.

A rotina se desenvolve com os seguintes momentos: roda inicial, primeira e segunda atividades, parque, lanche e higiene, o “fora” e a roda de história. Entretanto, a duração das atividades acontece de forma bem flexível, para que os processos de aprendizagem não fiquem fragmentados e automáticos. A roda inicial é o momento de trocas entre colegas e educadores, onde há estímulo à oralidade. As atividades envolvem capacidades cognitivas e de expressão, como pinturas, colagens, desenhos, modelagens, jogos e explorações musicais. As crianças vão para o parque todos os dias e ficam lá por uma hora. É nesse momento onde elas podem brincar livremente, interagir com o ambiente, subir em árvores, brincar na areia etc. No lanche, os pais são orientados para que as crianças levem lanches saudáveis, pois esse, também, é um momento coletivo e de troca. O “fora” é um momento destinado ao desenvolvimento corporal e social das crianças, no qual a brincadeira popular, o jogo coletivo e o contato com desafios motores são ferramentas de estímulo. E, por fim, a roda de histórias destinada à valorização da literatura e da leitura.

A prática pedagógica, assim como o currículo não são dados prontos, inacabados, mas são pensados e construídos diariamente a partir dos temas e assuntos que vão emergindo por meio das relações traçadas entre criança/educadores/sociedade.

A escola trabalha com projetos temáticos, que surgem dos interesses das próprias crianças. A função dos educadores de cada sala de aula, com relação aos projetos, é captar os temas que, entre eles, têm surgido com maior frequência e conversar para se definir um tema, que, também, não é fixo, pode ir mudando de foco no decorrer de sua realização. Com os temas dos projetos definidos, é função dos

educadores enriquecer o repertório de conhecimentos das crianças acerca deste tema, envolvendo as áreas do saber de forma lúdica e dinâmica. Devido à diferença de idades, os projetos se desenvolvem de formas diferentes entre alunos do Ciclo 1, dois e três anos, e Ciclo 5, quatro e cinco anos, por exemplo. Alguns dos temas que surgiram nesse primeiro semestre de 2016 foi Egito e insetos. Os projetos se desenvolvem ao longo da rotina, é como se fosse um assunto norteador, que os levará a diferentes saberes e aprofundamentos a respeito do que eles mesmos querem descobrir e conhecer.

A avaliação não poderia ser diferente, assim como a maioria dos processos realizados na escola, ela também é feita com todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

A partir de uma reflexão acerca da Vivendo, não há nada que seja impossível de ser realizado em qualquer outro espaço escolar, respeitando, claro, as individualidades de cada espaço. Eles não fazem nada de extraordinariamente difícil, não têm máquinas tecnológicas, não têm uma estrutura mirabolante, com todas as informações que eles quiserem no tempo que quiserem, não têm neurocientistas trabalhando lá e não têm tablets para todas as crianças. Pelo contrário, eles têm uma estrutura com salas simples e aconchegantes; tem bastante espaço verde, com árvores, areia e terra para as crianças realizarem as mais diversas experimentações, físicas, sensoriais, cognitivas e motoras; as pessoas que trabalham lá possuem formação diversificada, estudam e estão comprometidas com a educação; os recursos utilizados para atividades, muitas vezes, envolvem sucata; as informações não estão disponíveis em uma sala de informática por exemplo, mas estão na experiência de cada um e na vontade de descobrir. O que eles fazem lá, entretanto, é algo muito difícil para quem está acostumado a uma prática autoritária, onde os processos se dão por obrigações, seguidos de medo e insegurança por parte das crianças. O que eles fazem é, simplesmente, pensar na criança como criança, como ser capaz, ser pensante, ser que faz escolhas, ser inacabado, assim como todos nós somos. Peço licença para fazer uma associação com a frase que, para mim, revela qual seria o pensamento que move a Vivendo, “Criança não é meio para se chegar ao adulto. Criança é fim, o lugar onde todo adulto deve chegar.” (ALVES, 2014, p.37). E, com elas, temos muito a aprender quando deixamos de agir e pensar a partir de um padrão “adultocêntrico” de enxergar o mundo.

2.3 Escola da Ponte

Ainda hoje, grande parte dessas iniciativas é privada. Poucas delas estão ocorrendo de forma mais direta em escolas públicas. Outra iniciativa importante, que serve como inspiração para muitas escolas no Brasil, é a Escola da Ponte em Portugal, Lisboa. A escola estava desassistida pelos professores, alunos, pais e direção e foi, a partir daí, que começou um trabalho de estudos e discussões francas orientadas por José Pacheco, o idealizador da Escola da Ponte, na busca por uma escola mais coerente com aquilo que acreditavam e queriam. A transformação se iniciou com os professores, com o que José Pacheco (2013) chama de círculos de estudo, esses círculos, nos últimos trinta anos, foram essenciais para mudanças significativas nas escolas, houve uma intensa formação continuada de professores que refletiu em vários aspectos escolares. “Na Escola da Ponte, o ensino baseado na sala de aula tradicional com um professor tem, desde 1976, sido substituído por um sistema de ensino e aprendizagem centrado em pequenos grupos e no ritmo de cada aluno.” (PACHECO; EGGERTSDÓTTIR; MARINÓSSON, 2006, p. 17)

A escola não funciona por seriação e as aulas não são divididas por disciplinas. Além disso, o aluno é motivado a construir o seu próprio projeto de estudo com a ajuda de um professor. A avaliação é feita partindo da iniciativa do próprio aluno com a indicação de que o mesmo já está preparado para tal avaliação, o que foge radicalmente ao modelo tradicional, que já estabelece provas fixas no início do ano letivo. Segundo Pacheco, *et al.* (2006), nessa escola, o trabalho em equipe e a comunicação são prioridades e, além disso, ela é pensada para abranger as múltiplas singularidades de pessoas existentes. É uma escola realmente para todos, que atente alunos heterogêneos. A dinâmica entre professores e alunos se baseia em não ter turmas ou grupos com professores fixos. Os professores estão disponíveis para todos os alunos e os alunos têm total acesso a qualquer professor.

Nos grupos de interesses formados pelos alunos, é necessário o gerenciamento do tempo e do espaço e isso permite um trabalho cooperativo. Sobretudo, para Pacheco, *et al.* (2006), “O centro da vida escolar é a assembleia escolar que acontece semanalmente. É aí que projetos comuns são elaborados e que

os conflitos são resolvidos.” (PACHECO; EGGERTSDÓTTIR; MARINÓSSON, 2006, p.18). Logo, a assembleia mostra-se como instrumento eficiente para problematização, planejamento, discussões, avaliações e tudo que numa escola necessite de um maior envolvimento pessoal e coletivo. A assembleia é, também, um ótimo recurso para a gestão democrática, pois um espaço só é democrático de fato se todas as pessoas envolvidas forem ouvidas e, mais do que ouvidas, que sejam, também, agentes de educação. Esse é um fator muito marcante na Escola da Ponte, que a diferencia das demais e serve de inspiração para muitos outros espaços, pois, além de ser democrática, respeita a infância e a adolescência, as incluindo nos momentos de participação coletiva e decisões da escola.

Talvez um dos equívocos das escolas tradicionais que desejam mudanças em suas práticas, seja este: desejar uma educação democrática, porém sem a participação das crianças, logo as crianças que são as pessoas diretamente afetadas nesse processo. Como planejar o conteúdo de um ano inteiro sem sequer conhecer os seus alunos? Penso ser isso impossível, para uma educação democrática e emancipadora de fato “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 2011, p. 58). A escola, portanto, pode ser o que separa um aluno coletivamente consciente de um aluno individualista focado em seu crescimento pessoal frente a um sistema capitalista de consumo.

Para Rubem Alves (2004), na Escola da Ponte, “a aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão aprendendo valores” (ALVES, 2004, p. 30). Um espaço onde crianças e adolescentes têm a oportunidade de conviver, de aprender coletivamente e se ajudar, com certeza é um espaço propício para se formar cidadãos. Na escola da ponte, existe um dispositivo que facilita esse processo de cooperação entre os alunos, são quadros de avisos, um contendo a frase “Tenho necessidade de ajuda em...” e outro “Posso ajudar em...”. Ou seja, além do verdadeiro sentido da cooperação presente, nessa atitude é, também, um grande passo para a autonomia das crianças, já que elas mesmas se organizam dessa forma, sem nenhuma grande interferência de adultos de forma a podá-las em suas respectivas emancipações intelectuais.

Ainda a respeito dessa escola em Portugal, Rubem Alves (2004) reforça dizendo que as crianças maiores e as menores são companheiras na mesma aventura. As que não sabem aprendem com as que sabem e isso acontece diariamente, não é uma exceção. Todos se ajudam e não há estímulo à competição. Eles utilizam bastante a internet para pesquisas e trabalham de forma autônoma e cooperativa. A escola da Ponte é realmente uma grande inspiração de escola pública, onde o conhecimento das crianças cresce a partir de suas próprias experiências, segundo Rubem Alves (2004).

O anseio de se ter uma escola inovadora deve girar em torno da concepção que as pessoas envolvidas têm acerca do que é infância, do que é educação e do seu objetivo. De nada adianta uma escola com metodologia diferenciada e com espaço aberto se as práticas ainda estão engessadas e se os envolvidos na educação, como os professores, ainda reproduzem, mesmo que de forma subjetiva, práticas opressoras e hierárquicas. Assim como a educação deve ser vista com seriedade, os alunos e professores também devem ser respeitados e, sobretudo, se respeitar. “Não é, pois, o procedimento, a marcha, a maneira que emancipa ou embrutece, é o princípio” (RANCIÈRE, 2002, p. 50).

As iniciativas inovadoras vêm, portanto, na busca de uma formação para a pessoa completa, uma educação que integre as áreas do conhecimento de forma indissociada, uma educação contextualizada e sensível, capaz de enxergar os alunos como seres completamente capazes e autônomos.

2.4 A Desembargador Amorim Lima

É uma escola pública municipal de ensino fundamental localizada em São Paulo que iniciou seu processo de transformação mais profunda em 1996 com a chegada da atual diretora, Ana Elisa Siqueira, que, preocupada com a evasão escolar, adotou medidas para aproximar os alunos e a comunidade com a escola. Uma dessas medidas foi a derrubada dos alambrados que cercavam a escola como forma de confiança e respeito àquela comunidade, deixando, assim, o ambiente mais agradável e direcionado à convivência.

A escola passou por grandes mudanças estruturais e filosóficas para se tornar um espaço aberto à comunidade e a devolutiva foi tão boa que a escola começou a ser frequentada nos finais de semana e a oferecer oficinas de cultura popular brasileira, a exemplo da Capoeira, do teatro e da educação ambiental, organizadas pela própria comunidade.

No ano de 2005, foram implementadas na escola assembleias, inicialmente só com os estudantes e, depois, com a participação dos educadores. Desses encontros, foi criada coletivamente uma carta de princípios de convivência, que vai desde princípios relacionados ao tratamento entre as pessoas até a importância de cuidar das plantas e dos jardins.

Um grande diferencial da escola está na atuação do educador, cujo nome adotado pela escola é “Educador Tutor”, pois esse, ao invés de dar aulas expositivas, direciona o próprio aluno a estudar a partir de roteiros de pesquisa, apresentando boas fontes e o avaliando conforme seu progresso. O aluno, por sua vez, tem bastante autonomia e responsabilidade, por conseguinte para escolher a ordem em que vai fazer o roteiro e criar os seus próprios métodos de estudo. Esses roteiros envolvem diferentes áreas do conhecimento, logo exigem que os alunos busquem diferentes fontes para orientar a sua pesquisa. Quando realizada a pesquisa, os alunos devem fazer um portfólio contendo tudo o que aprendeu durante a atividade.

A EMEF Desembargador Amorim Lima tem como princípio fundamental

“Ascendermos todos – alunos, educadores, pais e comunidade – a graus cada vez mais elevados de elaboração cultural e a níveis cada vez mais elevados de autonomia moral e intelectual, num ambiente de respeito e solidariedade”

As escolas com Práticas Pedagógicas Inovadoras, apesar de estarem em comunhão com alguns critérios como respeito, democracia e autonomia, em suas metodologias e práticas diárias, são tão heterogêneas quanto deveriam ser, pois, se no mundo não há pessoa igual e se a educação é feita para pessoas, não há justificativa para escolas inovadoras com um mesmo método, pois aí elas voltariam a se tornar padronizadas e descontextualizadas. De fato, é um projeto muito ambicioso e corajoso abandonar os velhos hábitos tradicionais e iniciar práticas experimentais num terreno tão fértil como a educação, mas só assim, corajosamente, e com luta, é

que chegaremos a uma educação mais honesta transformadora. Todos estão podendo comprovar que essas práticas, mesmo tão recentes, já têm gerado bons frutos na educação e o reflexo disso quem está dando são as próprias crianças, ao construírem relações positivas e amorosas com a escola, por exemplo.

Capítulo 3: Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho seguiu a abordagem qualitativa a partir de entrevistas semiestruturadas e observação participante. Na pesquisa qualitativa, há uma maior possibilidade de interação e abarcamento da complexidade da história de vida dos sujeitos que se pretendem pesquisar, envolvendo o contexto educacional de experiências inovadoras. Não há interesse, pois, em medir quantitativamente o conteúdo a ser pesquisado no decorrer das entrevistas, tampouco comparar a complexidade revelada pelos diferentes sujeitos em suas falas.

A pesquisa qualitativa procura respostas muito pessoais. Este tipo de pesquisa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p.21), e por se tratar de algo tão subjetivo não pode ou não deve ser quantificado.

As pessoas entrevistadas estão diretamente ligadas às experiências educacionais inovadoras, pais e mães, professores e professoras e mentores de projetos inovadores na educação. A entrevista semiestruturada é um instrumento com maior possibilidade de ajuste e flexibilidade de acordo com o caminho que a conversa está tomando. Esse fator é de extrema importância, já que os (as) entrevistados (as) são pessoas únicas, com experiências de vida singulares e que trazem consigo concepções acerca da educação diferenciadas, baseadas na sua própria história de vida, seja com experiências negativas ou positivas na educação. Gil (2008) conceitua a “Entrevista por Pautas”, que está muito próxima à entrevista semiestruturada que utilizo neste trabalho, e a define como:

“A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo.” (GIL, 2008, p.131)

O motivo de se ter perguntas previamente definidas se deve ao fato de que este trabalho tem uma questão norteadora, que faz com que toda a conversa realizada durante as entrevistas gire em torno dela, obviamente o conteúdo que se afasta um pouco da questão norteadora não deixa de ser rico e inspirador, capaz de revelar a

heterogeneidade existente em cada ser humano entrevistado. Sobretudo, mesmo se distanciando um pouco da questão norteadora, as respostas não deixam de ter uma inter-relação com o conteúdo que venho pesquisando. Essas entrevistas vêm, portanto, com a finalidade de complementar e enriquecer as informações obtidas com a análise bibliográfica feita acerca de práticas pedagógicas inovadoras.

Foram realizadas dez entrevistas com durações de tempo variadas, de dez minutos e quarenta e seis segundos, sendo essa a mais curta, há duas horas e vinte e sete minutos, a mais longa. Apesar da grande diferença no tempo das entrevistas, o objetivo, de tentar compreender o que motiva e movimenta pais e educadores na busca por práticas pedagógicas inovadoras, se manteve em evidência, o que mudou foi a quantidade de detalhes presentes em cada fala. Das entrevistas, foi gravado o áudio e, posteriormente, foi feita a transcrição de cada uma delas a fim de cartografar as informações recebidas, o que foi alcançado por meio de decodificação, classificação e identificação de similaridades e diferenças significativas nas respostas apresentadas para posteriores conexões.

A observação participante aconteceu no Ipê Amarelo semanalmente, no segundo período de 2015, por meio do projeto de extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras- Autonomia da Universidade de Brasília. Por intermédio das coordenadoras do projeto foi possível essa aproximação, que a princípio se constituiu como observação e aos poucos, de forma muito natural se transformou em observação participante. A qual “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada.” (GIL, 2008, p. 103). E segundo Gil (2008), é a técnica que permite ao observador a partir do interior grupo observado, chegar à conhecimentos sobre este mesmo grupo, ou seja, é como se o observador também fosse membro do grupo, pois até certo ponto ele também faz parte do mesmo.

Com a observação participante foi possível aprofundar os conhecimentos acerca das Práticas Pedagógicas Inovadoras e ter um novo olhar sobre a educação e seus objetivos em si. Foi um primeiro contato com uma educação mais diferenciada em um longo período de tempo, o qual permitiu um acompanhar do processo de desenvolvimento de cada aluno, desde as primeiras palavras à frases mais complexas.

3.1 Escolas escolhidas

As entrevistas foram realizadas com pais de alunos, educadores, coordenador e diretor da Associação Pró- Educação Vivendo e aprendendo. E também com a mentora do projeto de educação Ipê Amarelo. A pesquisa aconteceu nesses dois espaços com o intuito de compreender o que movimenta e motiva esses pais e educadores a buscarem Práticas Pedagógicas Inovadoras em suas escolas.

Os dois espaços se configuram como ambientes legítimos para o aprendizado e para uma educação democrática, além de uma compreensão sobre a complexidade da infância partindo de um olhar sensível para o ser humano.

A caracterização das duas escolas estão presentes no capítulo anterior, nos tópicos intitulados “2.1 Ipê Amarelo” e “2.2 Associação Pró Educação Vivendo e Aprendendo”. Os referidos tópicos contém as características principais de cada escola, os princípios, a metodologia e outros.

3.2 Quem foram os sujeitos entrevistados

Procurei nesta pesquisa diversificar o público a que seria feito as entrevistas, contudo, obedecendo ao princípio de que as pessoas entrevistadas deveriam estar diretamente relacionadas a uma educação inovadora, sejam eles pais ou professores.

As entrevistadas 1 e 2 são mães que acreditam em uma educação com práticas pedagógicas que respeitem o ritmo individual de seus filhos e os respeitem como pessoas capazes de fazer escolhas. Os entrevistados 3, 4, 5 e 6 são educadores, com histórias e trajetórias diferenciadas, porém que se encontram em um universo infantil e em uma prática preocupada com o respeito à infância na sua delicadeza e profundidade. O entrevistado 7 é coordenador de uma escola inovadora e pedagogo; O entrevistado 8 é diretor e pai de aluno de escola inovadora; A entrevistada 9 é diretora, pedagoga e mãe; O entrevistado 10 trabalha na parte administrativa de uma escola, é pai e iniciou um projeto de educação inovadora para ensino fundamental em 2011, que não teve continuidade.

Pretendi com essa heterogeneidade compilar informações acerca do que essas pessoas acreditam a respeito da educação e do que as faz continuar trilhando por esse caminho, para tentar compreender o que move a educação inovadora.

Cada pessoa entrevistada teve um papel primordial na montagem desse quebra-cabeças, que, obviamente, não poderia ser completado, pois somos seres incompletos e subjetivos, nem, tampouco, há no mundo verdades absolutas, diria até que a verdade é algo totalmente pessoal e relativo. Logo, o que escrevo no próximo capítulo são reflexões próprias, partindo do meu ponto de vista e da minha experiência de vida na busca por algo significativo para minha formação acadêmica. Afinal, o mais importante não é o resultado, se é que ele existe, mas o trajeto percorrido.

Capítulo 4: Discussão e reflexão

O que para mim foi mais significativo nos discursos foi a forma como as pessoas acreditam em uma educação emancipatória e amorosa, e essa crença reflete em um tipo de esperança coletiva, de que ninguém tem a melhor solução para a educação, mas os primeiros passos, nessa fase de experimentação, já estão sendo dados e encorajados por essas pessoas. Todos os entrevistados desacreditam em uma escola com práticas tradicionais, que limitam, amedrontam, incentivam a competição e punem. As escolas que as pessoas entrevistadas creem serem positivas têm práticas democráticas, solidárias, criativas e encorajadoras.

Todos os dez entrevistados autorizaram a utilização de seus nomes para a escrita desse trabalho, o modelo do termo de consentimento que autorizou tal divulgação está no apêndice 1, nas páginas finais desta monografia. Agradeço a colaboração de cada um dos entrevistados pelas informações dadas que foram tão essenciais para esta pesquisa.

4.1 O caminho escolar percorrido

A trajetória de qualquer pessoa é algo muito particular, algo que explica, em parte, o que ela é, pois, todas as vivências que ela teve foi algo determinante para ela ser o que é hoje. A constituição do “eu” se dá a partir da interação entre o indivíduo e

o meio cultural e social em que se vive, ou seja, todas as memórias que ele tem, as habilidades que desenvolveu, os lugares e as pessoas que se relacionaram com ele fazem parte da bagagem histórica de cada um, além, claro, de suas características individuais da personalidade, dos seus desejos e sonhos, por exemplo, que os moveram a partir de escolhas, mesmo que limitadas, a caminhos distintos.

Como a maioria das pessoas passa, em média, 10 anos de sua vida frequentando uma instituição escolar diariamente, cinco horas por dia, a escola passa a ser algo determinante, também, para a vida do sujeito, pois muito tempo de vida foi gasto nesse espaço. Para ILLICH (1985, p. 17) “Não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada.”. É determinante, porém, não decisivo, pois o modo como cada um vai lidar com cada situação é singular. Há, portanto, uma grande responsabilidade nas mãos dessas instituições e, conseqüentemente, das pessoas que dirigem e fazem parte das mesmas.

Com a pergunta acerca da trajetória escolar de cada sujeito, se pretendeu compreender um pouco melhor de onde cada pessoa entrevistada fala e o que a levou, na sua narrativa de vida, a acreditar em um espaço com Práticas Pedagógicas Inovadoras.

Cada pessoa, gentilmente, concordou em me contar um pouco da sua história de vida, no tempo de estudante. E, para minha surpresa, nem todos haviam passado por uma educação tradicional conservadora. Algumas das pessoas entrevistadas viveram uma educação escolar diferenciada, que os possibilitou abertura para a liberdade de expressão, para se conhecer e para explorar conhecimentos além do previsto para a caixinha de educação tradicional, como se percebe na fala do Samuel e da Maria Gabriela:

“...tinha-se muito contato com literatura, tinha muito contato com história, inclusive com mais profundidade do que normalmente se exigem em escolas tradicionais né, e com outro viés também, com viés muito mais focado na ideia de que a história é construída coletivamente, muito mais humanista do processo né, então uma proposta pedagógica muito menos transmissiva e muito mais participativa e colaborativa...” (Samuel, 11/05/2016)

“...mas foi uma escola que me ajudou muito no sentido de incentivar na questão da minha expressão, de me conectar comigo mesma, assim. Me

incentivava muito nas coisas que eu era muito boa, tipo escrita, os estudos sociais, né na época. Então eu fui muito incentivada nas minhas habilidades e foi uma escola muito boa para mim.” (Maria Gabriela, 31/05/2016)

Esse foi, inclusive, um dos motivos que os fez optar por trabalhar e/ou matricular seus filhos em escolas consideradas inovadoras.

Outra descoberta foi que alguns entrevistados, apesar de passarem por uma educação tradicional, não carregaram traumas para o resto de suas vidas. Pelo contrário, a escola ou foi um espaço de libertação e esperteza para aprender a lidar com as opressões da melhor forma, ou o modelo tradicional era o que se encaixava no perfil da pessoa entrevistada, ou seja, uma pessoa que gosta muito de estudar e não contradiz os professores, por exemplo. Na fala da Heloá é possível compreender as estratégias que ela usou para passar pela escola sem grandes traumas:

“...ai começa também um processo meio de indignação com a escola e ao mesmo tempo uma esperteza, porque eu sacava assim, as matérias que eu menos gostava, matemática, química e física, que eu tinha menos afinidade, mais matemática e física, eu sabia que no final do ano tinha uma prova de recuperação que era muito mais fácil do que todas as provas bimestrais, então, eu de maneira esperta, não me importava muito com essas matérias e no final do ano estudava e fazia essa prova que era mais fácil e passava...” (Heloá, 04/05/2016)

Já a Andressa relata que:

“...eu sempre fui aquela aluna que se enquadravam, então a escola não era um lugar ruim pra mim porque atendia aos padrões, entendeu? Eu era boa aluna, eu era quietinha, eu fazia as coisas, a professora gostava. Nunca foi um problema. Eu comecei a me questionar e a questionar a escola depois de adulta já, depois que eu saí.” (Andressa, 05/05/2016)

Algumas pessoas comentaram que a educação tradicional, apesar de não as afetarem diretamente, deixou muito a desejar, pois algumas potencialidades poderiam ter sido investidas nessas escolas, porém não aconteceu. O foco esteve sempre no conteúdo. Como por exemplo a Juliana revela em sua fala:

“Porque eu acho que esse modelo de escola que eu vivi poderia ter me ajudado mais, eu tinha talento para uma coisa e não pra outra, e na verdade esse modelo que a gente tem, tradicional, te espreme de todos os lados, mas não te ajuda de verdade naquilo que você tem habilidade” (Juliana, 18/05/2016)

Além disso, há um quadro de desinteresse, pois todo o conteúdo é imposto, é jogado, e não construído em conjunto com os estudantes. Então, muita coisa não fazia sentido. Essas pessoas que estudaram em escolas tradicionais relatam, a respeito dos professores, que sempre encontraram pessoas boas pelo caminho e, também, professores ruins, autoritários. Sobre a experiência da Juliana (18/05/2016) com seus professores, ela comenta: “eu sempre encontrei muitos, assim, muitos bons professores, muita gente boa no meu caminho, que era quem me emprestava livro, quem levava para eu ler”.

A relação, dos que passaram por escolas diferenciadas, com seus professores e colegas, no entanto, é lembrada com muito prazer e carinho, a figura do professor é o de alguém que pode te ajudar e os seus colegas são pessoas com quem se relacionar e se co-responsabilizar.

4.2 O que os trouxe a uma escola inovadora

Muitas pessoas, apesar de terem conhecimento das consequências de uma prática padronizada e autoritária, optam por continuar reproduzindo isso em suas práticas, seja em escolas públicas ou particulares com crianças e adolescentes. Para Illich (1985),

“A maioria das pessoas não quer ou não pode proporcionar uma infância moderna a seus filhos. Mas parece também que a infância é um peso para boa parte daqueles poucos que a podem gozar. Muitos são forçados a passar por ela e não se alegram, de forma nenhuma, por desempenhar o papel de criança. Passar pela infância significa estar condenado a um processo de conflito desumanizante entre a autoconsciência e o papel imposto por uma sociedade que pervade inclusive a própria idade escolar.” (ILLICH, 1985, p. 42)

Entretanto, as pessoas que foram entrevistadas acreditam e realizam uma prática diferente, uma prática emancipadora e respeitosa. Além disso tem uma concepção diferente de infância.

Para os educadores, a resposta mais frequente do por que trabalham em escolas inovadoras, foi de que suas trajetórias foram fundamentais, primeiro para a escolha do curso, pedagogia, e segundo, pela vontade de fazer a diferença, não reproduzindo a experiência que tiveram na escola tradicional. Afinal, a escola

tradicional, da forma como ela está posta, é algo que desacreditam. Vê-se claramente essa postura, da vontade de fazer a diferença, na fala da Andressa (05/05/2016) “eu quero estudar porque eu posso fazer diferente, e é isso que eu vou fazer, vou entrar pra fazer diferente, não para reproduzir”.

Para as pessoas que estudaram em escolas alternativas, a escolha por trabalhar em escolas com essa prática diferenciada surgiu de forma muito natural, como modo de reafirmação de suas crenças, como algo mais coerente a ser seguido, pois a visão deles acerca da escola é algo que deve ajudar o indivíduo a conquistar a sua própria autonomia, algo bom, proporcionador de novas experiências e interações sociais. Como por exemplo no relato da Maria Gabriela:

“...eu tive mais que reafirmar determinadas coisas que eu já tinha, porque eu tanto passei por uma educação, assim né, uma educação escolar mais livre, quanto eu tive isso na minha casa, então eram espaços que convergiram as vezes, caminhavam para a mesma direção.” (Maria Gabriela, 31/05/2016)

As famílias que optaram por matricular seus filhos tinham bem claro o tipo de escola que não queriam,

“...eu não quero uma escola que limite espaço pra ele, diga para ele e que o coloque dentro de um espaço fechado o tempo inteiro, que limite o movimento, que diga pra ele a forma que tem que se sentar, onde ele tem que se sentar, né, que limite a autonomia dele de fazer certas escolhas...” (Carolina, 10/05/2016).

“...que não respeite o indivíduo, que não respeite a questão de escolha religiosa, que não tenha esse tipo de prática de respeito, né. Que a escola diga o tempo todo “isso tá certo, isso está errado, certo, errado”, cheia de regras quanto a vestimenta...” (Juliana, 18/05/2016)

Pelo contrário, os pais procuravam por escolas que ajudassem a trabalhar mais a criatividade; a se desenvolver socialmente; a respeitar o outro; que tenham práticas de respeito ao meio ambiente; que tivessem uma proposta de educação voltada para o desenvolvimento da própria criança. E foi em escolas consideradas Inovadoras que eles encontraram uma pedagogia com essas práticas. Percebe-se essa intenção nas palavras de Samuel ao dizer:

“Querida uma escola que tivesse uma proposta de educação voltada para o desenvolvimento humano, voltada para o desenvolvimento da própria criança, voltada para a formação dela como indivíduo não como profissional

pro mercado de trabalho nem como cidadão dentro de um determinado esquadro” Samuel (11/05/2016)

As pessoas entrevistadas que decidiram começar um projeto próprio de educação inovadora relataram que partiram na busca de um sonho, uma esperança, uma utopia para torná-la concreta, pois a insatisfação e inquietação com o que já existe de escola tradicional era evidente. Eles foram, então, conduzidos à construção de algo novo.

Um dos projetos criados foi de ensino fundamental, pois os pais ao verem seus filhos, nos últimos anos de educação infantil, em uma escola inovadora desejaram uma continuidade nesse processo de educação, já que, em Brasília, as propostas de educação inovadoras para ensino fundamental são quase inexistentes. Sobre esse projeto um dos criadores lembra com muito carinho:

“E isso que era o sensacional na Casa dos Pássaros, da possibilidade da hipótese, eu coloquei essa pergunta, porque que o céu é azul, porque foi a criança que originou a discussão da casa dos pássaros, e nos seis meses que as crianças ficaram pesquisando isso, nós estudamos coisas mil, nós fizemos o estudo sobre capivara, que era o que tinha na região lá, fizemos armadilha fotográfica, fizemos análise das constelações, então nós tivemos a possibilidade, até a gente chegar com elas no conceito de porque o céu é azul, porque a gente poderia ter respondido de primeira, só que isso não geraria conhecimento, saciaria a curiosidade, mas não geraria conhecimento. Quando você levanta a hipótese, gera o conhecimento, porque a gente, no meio de seis crianças, nós tivemos seis hipóteses diferentes, sensacional. (Josué, 02/05/2016)

E o outro projeto criado foi para educação infantil, de mães que estavam voltando da licença-maternidade e gostariam de um lugar acolhedor para seus filhos.

4.3 A participação das famílias na escola

“A escola e a família aparecem, historicamente, como lugares contraditórios, como se fossem entidades isoladas e, muitas vezes, até contrárias no processo de educação dos filhos.” (Diego, 23/05/2016). Uma sempre culpabilizando a outra pelos problemas existentes.

Muitas das escolas tradicionais, atualmente, têm terceirizado a educação de seus filhos. As escolas com práticas pedagógicas Inovadoras, no entanto, vêm na contramão dessa lógica. A participação das famílias vem para enriquecer o ambiente escolar e dar continuidade ao processo educativo, se não ele fica fragmentado e confuso para a criança. Como, por exemplo, se na escola fazem oração diariamente com base nos princípios cristãos e a família da criança é atea. A cabeça da criança poderá ficar confusa com relação a sua identidade religiosa, até porque, tanto em casa como na escola, a religiosidade ou a não religiosidade devem ficar bem claras que são uma escolha individual. Logo, cada um tem o direito de acreditar no que quiser, desde que respeite toda e qualquer outra crença, ou não crença. Então, como poderia a escola e a família entrarem em harmonia, para o benefício do aluno, se não pelo diálogo e por possíveis dispositivos que possibilitem e facilitem o mesmo?

Das pessoas entrevistadas, a maioria concorda com a ideia de que a participação da família na escola é fundamental, pois é só com a abertura das escolas e a participação das famílias é que é possível se construir uma comunidade escolar, que dialogue e reflita acerca de suas práticas juntas. É preciso, pois, fazer o exercício de ouvir um ao outro, de acolher e de autorreflexão, para escola e família entrarem em comunhão, porque, caso contrário, a criança ficará perdida nesse processo. Sobre a participação das famílias e gestão democrática a Heloá se posicionou da seguinte forma:

“Eu acho que é ótimo o espaço que se tem pra diálogo, mas também os processos são muito mais lentos e demorados, então assim, não é tão prático, mas ainda assim, acho que é o melhor caminho que você pode dialogar, enfim, trabalhar sua escuta sensível, aprender a se colocar também e a partir disso construir junto, eu acho muito válido.” (Heloá, 04/05/2016)

Os pais e as mães entrevistados comentaram acerca da capacidade crítica e autônoma de seus filhos, que vem sendo construída diariamente com o auxílio da escola e da família, mas nunca de maneira impositiva, sempre como um processo, respeitando o tempo e o ritmo de cada um. Eles conseguem perceber, nas crianças, muito claramente, esse processo que vem se amadurecendo, como, por exemplo, na construção de diálogo, de discurso, de argumentação e posicionamento crítico.

Uma das mães entrevistada comentou acerca da preocupação que tem com a filha, no sentido de que ela possa vir a sofrer, no futuro, por conta dos seus questionamentos e inquietação em espaços tradicionais. E o que ela vem aconselhando e trabalhando com a filha é que ela aprenda a equilibrar as coisas, isso fica evidente na fala dela:

“...eu acho que assim, tentar encontrar o equilíbrio, e é isso que eu tento fazer com a minha filha, é que ela amadureça no sentido de saber a hora de questionar e o que resolve o que não resolve, né. Porque quando a gente tá dentro desses espaços, não sei como é que foi para você, sua vida, mas eu acho que funciona muito bem você ter uma tranquilidade para transitar nesse ambiente hostil às vezes ou contrário das suas ideologias saber, olha, tem coisas que eu vou só cumprir sem sofrer...” (Juliana, 18/05/2016)

As famílias acreditam que, com essa formação que estão tendo agora, com essas experiências que estão vivendo, que as possibilitam dialogar e conviver em sociedade, de maneira segura e orientada, as crianças serão capazes de ocupar qualquer outro ambiente, mesmo que seja um ambiente engessado e totalmente retrógrado com tranquilidade, pois se a transformação é real, se ela vem de dentro, se ela é nossa, o que vier a gente adapta ao nosso favor.

É função da família, também, quando em harmonia com a escola, criar uma barreira de proteção para a escola, capaz de justificar e fortalecer as lutas constituídas dentro dela. Por exemplo, se as famílias e as escolas estão conectadas, elas podem lutar, juntas, por uma educação que contemple a diversidade de gênero. Se a escola, sozinha, entende que isso é importante e parte para um embate solitário, a voz dela vai soar mais baixo que se fosse o coletivo escolar, isto se tratando de escolas públicas e escolas particulares com gestão autoritária.

Em escolas onde não há esse diálogo entre escola e família, há uma pressão interna muito grande que recai sobre o trabalho dos professores e gera uma situação de um culpar o outro pelas falhas na educação. E, então, a demanda dos pais passa a ser mais importante do que a dos professores, ou vice-versa, e, muitas vezes, até a demanda nas crianças fica esquecida.

A partir do momento que as famílias e as crianças entendem que a escola também é delas, elas se sentem parte desse movimento e se sentem igualmente

responsáveis por ela, seja no cuidado com o patrimônio, seja nas reuniões coletivas, seja na participação de projetos ou qualquer espaço que a família venha para enriquecer o ambiente escolar com seus diversos conhecimentos e experiências. Para Pacheco (2013), “São as escolas com projetos participados pela comunidade os lugares privilegiados de formação de “uma consciência radical e de uma ação crítica coletiva”” (PACHECO, 2013, p. 31).

A presença das famílias nas escolas só tem enriquecido os processos educacionais em escolas inovadoras, como é possível perceber no discurso do Josué (02/05/2016), “A Vivendo me ajudou a experienciar esses princípios todos com minha filha e a primeira parte da infância. Me ajudou muito a ser pai, a Vivendo. Me ajudou a debruçar cada vez mais a ler e entender o desenvolvimento infantil.” Portanto, é preciso a união de escola e família o quanto antes, e as escolas com Práticas Pedagógicas Inovadoras têm mostrado que essa ligação é totalmente possível. Nem sempre será harmônica, pode haver conflitos, mas é nos conflitos que o coletivo se fortalece e amadurece.

4.4 A trajetória acadêmica dos educadores

A formação acadêmica para quem quer ser professor é algo necessário. Deveria ser nas universidades o lugar onde as pessoas conseguem fazer uma conexão entre a teoria e a prática. Além disso, deveria ser um espaço de ilimitada autonomia, para se construir conhecimentos na educação, partindo de seu próprio interesse. E, mais do que isso, a formação e os anos iniciais deveriam ser enriquecidos de projetos sociais, de uma devolutiva à comunidade dos aprendizados constituídos ali. E para além disso, que os estudantes aprendam com a comunidade, para que a universidade vá às comunidades, não com um caráter assistencialista, mas com a certeza de que voltarão com muitos aprendizados e que tragam, também, as comunidades à universidade, pois têm muitas pessoas que estão consolidadas há muitos anos na academia e, infelizmente, se esqueceram de olhar para a realidade.

A respeito dessa academia, Rubem Alves fala: “Infelizmente as universidades contribuem para o engano dos jovens.” (ALVES, 2014, p.106), pois ela apresenta diversas possibilidades, diversos cursos de formação, mas nem sempre quem escolhe o curso escolheu por afinidade, pode ter sido por comodidade ou obrigação. O que,

futuramente, poderá acarretar em um profissional sem amor pelo que faz, sem envolvimento e comprometimento. E no caso do pedagogo, formará “ensinadores” e não educadores.

Cinco, dos dez entrevistados, são formados em pedagogia e quatro desses, na UnB. E eles, pelo contrário, escolheram não ser “ensinadores”. Mas algo frequentemente relatado por eles é que o curso de pedagogia ainda é um curso muito conservador, muito tradicional. Para eles, foi necessário sair um pouco da zona de conforto para buscar novas possibilidades. Alguns encontraram essas possibilidades em projetos, disciplinas ou como educadores na prática. É possível inferir da fala da Clara e da Maria Gabriela esse sentimento:

“...eu acho eu acho que o caminho que eu acabei trilhando na faculdade ajudou muito” (Clara, 17/05/2016)

“Tem muitas pessoas muito boas lá dentro né, que realmente estão pensando uma outra proposta em educação” (Maria Gabriela, 31/05/2016)

Em resumo, essas pessoas seguiram caminhos na universidade totalmente singulares, fizeram amizades com diferentes pessoas, se formaram em tempos diferentes, fizeram disciplinas com diversos professores, mas uma coisa as une, a vontade de fazer diferente e a busca por Práticas Pedagógicas Inovadoras. Não ficaram parados no mesmo lugar, fazendo aquilo conforme manda o script, que eles acabaram conhecendo uma educação inovadora. Precisaram se interessar, correr atrás.

Todos os educadores entrevistados afirmam que o ensino universitário é limitado, ainda possui muitas falhas, mas, de certa forma, os ajudou levando-os a grandes reflexões, como se percebe nesta fala:

“Com certeza acho que me despertou uma certa sensibilidade para a educação, embora eu não estivesse estudado pedagogia eu me sentia apropriado de algumas questões para eu poder olhar para aquelas crianças de acordo com o que eu tinha formado de perspectiva durante a minha graduação acadêmica, mas a formação acadêmica tem limites, muitos limites para sala de aula” (Diego, 23/05/2016)

Alguns falam até que foi na prática que aprenderam a ser educadores, pois, na prática, tudo fazia muito mais sentido, era muito mais interessante.

“Eu particularmente aprendi muito mais na prática, então a minha prática me deu muito mais amparo do que as teorias dentro da sala de aula. Claro que tem ligação, né, mas eu coloco na minha experiência pessoal a prática pra mim foi fundamental. Eu só com a teoria eu não seria uma educadora.” (Heloá, 04/05/2016)

Mas foi na universidade, também, que encontraram pessoas com quem partilhar o mesmo sonho, pessoas que partem de uma mesma utopia de educação e isso é o que os fortalece e motiva para uma real transformação social.

Uma das professoras entrevistadas explica que o nosso papel como educadores deve ser de forma que não limite ou discrimine o que as crianças já entendem como possibilidade, o que nós devemos fazer enquanto mediadores é apresentar outros instrumentos. É possível perceber essa intenção com a fala:

“Elas já tem habilidades e elas já tem muitas coisas, ela já trazem muitas coisas da personalidade delas inclusive, e basta a gente não limitar e não cortar o que elas já entendem com possibilidade e ir oferecendo né, outras ferramentas, mostrando que existem outras possibilidades.” (Maria Gabriela, 31/05/2016)

E outro fator importante é possibilitar que as crianças interajam, que vivam este processo de estar em grupo, que tenham vivências diferenciadas e que experimentem as possibilidades que existem nesse coletivo.

4.5 O que são Práticas Pedagógicas Inovadoras

Esta foi umas das questões norteadoras deste trabalho, pois nada disso estaria sendo discutido, e teria sentido, se já não houvessem pessoas fazendo essa nova educação com práticas pedagógicas inovadoras. Há, porém, uma infinidade de concepções acerca do que são Práticas Pedagógicas Inovadoras, não há ainda algo difundido no senso comum como verdade, a respeito do que são essas práticas. No entanto, todas as respostas dadas pelos entrevistados seguiam uma mesma essência, uma vontade de mudança e problematização no que vem sendo feito com a educação nos últimos tempos, de uma educação que é tida como padrão para a sociedade.

Apesar das respostas dadas serem totalmente singulares, tentarei sintetizá-las de forma que fique mais evidente o que de mais significativo foi relatado nos discursos. Portanto, foi consenso a resposta de que Práticas Pedagógicas Inovadoras são tudo o que reflitam o que já está sendo feito, do que para os entrevistados, já está consolidado como fracasso na educação, e proponham alguma possibilidade alternativa a isso. Como se percebe nesta fala “Qualquer coisa que refute ou então que critique o que a gente tem de fracassado e assim, atestado de que é fracassado atualmente” (Carolina, 10/05/2016). Os reflexos dessa educação fracassada são muito sérios, as crianças estão entrando em depressão, concluem o período escolar sem ter vivido grandes experiências e adolescentes que estão se suicidando por conta da pressão exercida na escola e em casa, por exemplo. Precisamos urgentemente salvar nossas crianças.

A educação inovadora, portanto, é uma educação que se permite experimentar, que olha para si mesma com muita crítica e seriedade, fazendo autorreflexões acerca de suas práticas e de seus princípios éticos. Para Freire (2011), “Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente. (FREIRE, 2011, p.35). É um espaço do aprendizado tanto para o educador, como para a criança, que deve partir do princípio do diálogo, da escuta sensível, da liberdade de expressão, do direito da criança se colocar como pessoa pensante e capaz de fazer escolhas, de envolver os aprendizados nas brincadeiras, enfim, de permitir que a criança seja protagonista dos seus próprios processos de aprendizagem em seu tempo e seu próprio ritmo.

Então, algo necessário na educação é um olhar empático, respeitoso e sensível para a criança, só com essas características significa que a educação já está dando um passo à frente. São práticas que se propõem

“A olhar para a criança como um indivíduo, e a partir daí buscar ir com ela onde ela quer ir sabe, pensar a partir dos interesses delas, explorar. Estar mais olhando para as crianças e menos para as expectativas que se tem, para as teorias do desenvolvimento”. (Pablo, 20/05/2016)

É preciso fazer diferente, mas esse fazer diferente precisa estar carregado de propósito e significado.

Por fim, utilizarei duas falas dos entrevistados que foram marcantes:

“Práticas pedagógicas inovadoras, elas dizem respeito a um certo estado de espírito do professor, das instituições, que diz respeito a não ter a segurança de ter chegado a um lugar tão legítimo, um lugar tão consolidado, que te autoriza a deixar de repensar a sua prática, autoriza a escola a deixar de problematizar. Então, para mim, a educação inovadora, na verdade, não é uma educação que descobriu fórmulas novas, que descobriu recursos novos, uma forma permanentemente positiva de olhar para a educação. Pelo contrário, a educação inovadora é uma educação problematizadora, uma escola inovadora é uma escola que se problematiza, que se revê, que nunca aceita que chegou há um método, um modelo que pode ser reproduzido, que vai sempre gerar resultados.” (Diego, 23/05/2016)

“Então, eu acho que tudo que se propõe a abrir, explorar, a potencialidade das crianças, a criatividade, que elas se coloquem, que elas sejam realmente agentes transformadores, autônomos e autores do seu conhecimento, e se percebam enquanto, coisa de autoestima mesmo, eu acho que isso muda não é uma vida, isso muda uma sociedade, isso muda. O dia que a gente conseguir fazer isso em larga escala, eu acredito mesmo que vai ter um mundo melhor, se a gente vai conseguir, eu não sei, se eu vou estar viva para ver, eu não sei, mas estou fazendo minha parte, e eu tenho que acreditar que naquela pessoa fez diferença.” (Andressa, 05/05/2016)

A educação inovadora consiste em uma prática que olha mais para o ser humano como pessoa completa e menos para as expectativas que se tem sobre ele. Quando uma sociedade inteira se envolve com este propósito, as coisas mais simples voltam a ser valorizadas, como a solidariedade, o amor, a corresponsabilidade e o respeito, pois, se esses princípios são investidos na educação, nada mais provável que eles reflitam no nosso meio social posteriormente.

4.6 O que é escola e qual a sua função

Para Ivan Illich, “a busca de alternativas na educação precisa começar com um entendimento prévio sobre o que entendemos por «escola».” (ILLICH, 1985, p.40). Em nossa sociedade, as escolas com práticas tradicionais ainda são as mais conhecidas e requisitadas, por conta, talvez, de uma sociedade de consumo que requer mão de obra a todo momento e que precisa de uma educação para a obediência. Os vestibulares vêm só como consequência disfarçada desta educação massificada, alienando as crianças e jovens com conhecimentos aleatórios e alheios às suas vidas. As escolas tradicionais não têm tratado de formação política consciente, de

diversidade de gênero, pelo contrário, quando isso aparece em evidência, é abordado como um surto, como uma lavagem cerebral nas crianças. Os alunos são tratados como marionetes, pessoas que não têm desejos e capacidade de escolhas.

Há pessoas, contudo, que lutam para que a escola seja um espaço de desconstrução de paradigmas, para as crianças viverem no tempo delas, no ritmo delas, um lugar que permita tempo e espaço para as crianças se desenvolverem livremente e serem simplesmente crianças, não expectativas do que as famílias e a sociedade descarregam sobre elas. Dentre os que pensam assim, estão as pessoas que entrevistei neste trabalho, com visões otimistas, porém realistas acerca do que é a escola e o que ela tem feito. Como para a Clara que diz que a função da escola:

“...é dar tempo, permitir tempo e espaço para as crianças serem simplesmente crianças, elas viverem a brincadeira, viverem o tempo delas, no ritmo delas, elas viverem o que elas vivem em casa. Então muitas trazem brincadeiras, músicas e hábitos de casa, então a gente não cortar tudo e falar “não, aqui todo mundo vai fazer assim!”. Terem espaço para serem elas mesmas e irem crescendo aos poucos.” (Clara, 17/05/2016)

Em um sentido crítico, a escola tem sido muito autoritária e controladora, funcionando como um projeto de controle mesmo, talvez um dos mais eficientes, pois é a escola, seja na educação infantil ou na universidade, que dita a verdade, que é incumbida de formar os valores das pessoas, de dizer o que elas precisam e de explicar o mundo.

Mas os entrevistados comentam a respeito do que a escola deveria ser, e o que ela já é em espaços inovadores de educação. O que se pode ver na fala da Carolina:

“...é um processo de desconstrução para reconstruir, que primeiro, escola não é prédio, escola não é instituição. É também o prédio, é também a instituição escola, mas escola é também processo de aprendizagem, que eu acredito que se dá em comunidade” (Carolina, 10/05/2016)

Antes de mais nada, escolas são pessoas, segundo Pacheco (2013), pois a escola poderia acontecer em qualquer lugar a qualquer momento, mas não poderia acontecer se não existissem pessoas. Ela, portanto, deve se configurar em um espaço de constante desconstrução e reconstrução, capaz de refletir e se inquietar com suas práticas.

Além do mais, escola é também, segundo Maria Gabriela (31/05/2016), “...esse espaço de interação e de convivência, de troca e de construção de novas perspectivas.”. Para aprender a lidar com as emoções, aprender outros hábitos, outras culturas, outros gêneros e aprender a viver em sociedade. Logo, a função do professor deve ser, também, provocar o aluno, o instigar, no sentido de lhe gerar inquietações e curiosidades para partir em busca de novos conhecimentos, semeando, assim, sementinhas da consciência.

3.7. Por que continuar atuando/acreditando na educação inovadora

As Práticas Pedagógicas Inovadoras, apesar do pouco tempo de concretização, já têm mostrado bons frutos no sentido de que as crianças participantes dessas escolas estão cada vez mais autônomas, questionadoras e com uma visão de mundo diferenciada. Dessa forma, pretendeu-se, com esse trabalho, investigar qual é, ou quais são, os fatores fundamentais que motivam as pessoas a continuarem acreditando e lutando por uma educação inovadora.

Foi relatado por alguns dos entrevistados que eles já pensaram em desistir da educação, ou pelo menos desse movimento mais diferenciado, por conta do embate físico e emocional que precisa ser travado diariamente para a realização dessas práticas, pois, além de ir contra os interesses de mercado da sociedade capitalista, vai contra a concepção de educação de qualidade que a maioria das pessoas acredita e busca para seus filhos. Muitas famílias ainda têm receio de uma educação inovadora, julgando-a como irrelevante e pouco séria, com medo de que suas crianças terminem o período escolar sem o necessário para ingressar no mercado de trabalho ou em uma universidade.

O que as escolas inovadoras têm mostrado, entretanto, é algo totalmente diferente, como na Escola da Ponte por exemplo, que seus alunos alcançaram os melhores resultados em uma prova nacional realizada com diferentes alunos de Portugal. O que pode-se inferir disso é que quando as pessoas estão motivadas, emocionalmente seguras e encorajadas, elas aprendem a lidar com diferentes tipos de situações. Então, se um conteúdo necessário para passar no vestibular não foi ensinado na escola, esses alunos correrão atrás disso, se desejarem entrar em uma

universidade. O que muda é que quando se está confiante, já se tem uma autonomia constituída e tem consciência dos processos em que está passando, esses desafios não se tornam traumas, não se tornam bloqueios, mas objetivos a serem alcançados.

Muitos foram os motivos revelados, pelos educadores, da motivação de cada um em continuar nesse movimento inovador, mas a maioria deposita muitos créditos e esperança no retorno que é dado pelas próprias crianças e pelas famílias que vivenciam uma prática pedagógica inovadora em suas escolas. Como por exemplo na fala da Andressa (05/05/2016):

“Ver nas crianças que aquilo ali faz sentido. No dia, naquela hora que eu vejo aquela criança, aquele brilho no olho, aquela coisa, né. “Nossa, isso está fazendo sentido, eu estou fazendo diferença na vida dessa criança”.

Além das famílias e das crianças, quando se têm colegas de trabalho que fazem parte dessa utopia é uma motivação a mais, pois juntos há formas de se construir estratégias e sofrer menos com os padrões impostos à educação. É uma sensação de que não estão sozinhos, que tem pessoas com quem compartilhar a mesma vontade e se unir para ficarem mais fortes. O que possível perceber no discurso da (Juliana, 18/05/2016):

Eu acho que, o que me motiva é pensar que há possibilidade de fazer alguma coisa diferente e me motiva muito descobrir, assim, e há pouco tempo eu descobri que tem muita gente nesse caminho.

Outro fator fundamental para os educadores não desistirem é a vontade de mudança, de transformação social por meio da educação, pois os impactos que a educação tradicional tem mostrado são muito infelizes. As crianças ficam à espera de um adulto para dizer o que elas devem fazer, o brilho no olho vai se apagando, a curiosidade vai se perdendo pelo meio do caminho. De tanto o corpo ser disciplinado, ela aprende a se enquadrar em um padrão, padrão esse que atua tão forte e de forma tão subjetiva que as pessoas acabando levando os valores e ideais dessa escola para o resto de suas vidas. E isso, para quem tem consciência desses processos causa muito incômodo e inquietação e se as pessoas encontram brechas para fazer diferente e veem que os resultados têm sido positivos, isso transforma um jeito de pensar e agir, as pessoas passam a se sentir responsáveis por isso também, passam a estar

tão engajadas, que os olhos procuram isso, seus passos os levam a caminho da concretização dessa utopia. Como nesta fala por exemplo:

“...então eu acho que o que me motiva a continuar é essa resposta dos pais, das crianças e das professoras que estão fazendo parte desse movimento. Pessoas que realmente você vê que fazem parte daquela utopia, “ah mas e si, mas e si”, se você começar a viver se materializando e que pode ser possível, e que isso traz para as pessoas uma vida mesmo, uma liberdade, um suspiro. Parece que você está num lugar diferente mesmo, numa redoma, que tudo é diferente, e as pessoas quando passam pelo portão se aliviam porque aqui pode, entende?” (Clara, 17/05/2016)

As pessoas que pensam e agem assim tomam a educação como propósito de vida e as dificuldades acabam fazendo parte desse processo. É preciso se doar. E quando você passa por experiências difíceis e consegue enfrentá-las, isso gera a necessidade de você dar um salto, e são nesses momentos em que você precisa dar um salto é que serão decisivos para a sua vida, pois ou você irá “desistir ou vai conseguir dar um passo para frente e ir além do que você era naquele momento” (DIEGO, 23/05/2016). E com isso, você é impulsionado a sair do lugar, a sair da zona de conforto e transformar uma realidade.

Tiro a reflexão de que todos os dez entrevistados só chegaram a procurar uma educação que fugisse ao modelo tradicional pela insatisfação do mesmo e o desejo de uma transformação social que se inicie ou se reforce por meio de uma prática pedagógica conscientizadora na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Práticas Pedagógicas Inovadoras vêm aparecendo com uma força cada vez maior e mais frequente, no campo educacional, aparentemente, de forma isolada, porém alguns professores têm atuado para uma educação diferenciada, pautada no reconhecimento e em princípios éticos.

A presente pesquisa surgiu do desejo de aprofundar conhecimentos acerca dessas práticas e apresentar modelos de escolas já existentes que funcionam a partir desta mesma essência inovadora. Além disso, havia a vontade de compreender como, por que, e quem leva a educação com Práticas Pedagógicas Inovadoras à frente, quem são essas pessoas envolvidas e o que as motivam. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas, com pais, mães e educadores diretamente relacionados a uma prática inovadora de educação, e observação participante na escola Ipê Amarelo durante o segundo semestre de 2015. O objetivo da pesquisa foi investigar como e por que pais de alunos e educadores vêm buscando práticas pedagógicas inovadoras nas escolas.

A importância de se ter um trabalho que investigue esses pontos está na valorização e na consolidação de que uma educação não tradicional, é possível. E isso é apresentado por meio de exemplos de escolas que buscam essas práticas e nas próprias falas dos entrevistados acerca de seus desejos de uma educação mais sensível e respeitosa.

Uma dificuldade que surgiu no decorrer da pesquisa foi encontrar referenciais teóricos com o conceito de Práticas Pedagógicas Inovadoras. Apesar disso, a maioria dos autores utilizados como referências na pesquisa discordam de uma educação tradicional e estão alinhados, teoricamente, com os princípios de uma educação inovadora, mesmo sem ter utilizado este termo em nenhum de seus escritos. Rubem Alves fala a respeito dessa educação tradicional que conhecemos e que muitos de nós vivemos, “Escola é máquina de destruir crianças. Nas escolas, as crianças são transformadas em adultos. É isso que todos os pais querem: que seus filhos sejam adultos produtivos. (ALVES, 2014, p.37). E a respeito de uma educação libertadora, Freire (2014) afirma a necessidade do educador ser companheiro de seus educandos e orientar-se no sentido da humanização de ambos, ou seja, para uma educação

comprometida com a transformação social não cabe uma prática hierárquica entre educador e aluno. Pelo contrário, na união dos dois, um aprende com o outro. É assim que as escolas com Práticas Pedagógicas Inovadoras têm se mostrado, totalmente abertas ao diálogo, principalmente com as famílias, que antes eram vistas como antagônicas.

Outro autor que acredita em uma educação diferenciada é Rancière (2002), ao falar do “método Universal”, que tem como princípio a emancipação intelectual. Por outro lado, tem o velho método, embrutecedor, que não acredita na capacidade do aluno de aprender qualquer coisa.

O que o referencial teórico demonstra é que as Práticas Pedagógicas Inovadoras não surgiram de uma hora para outra, foi todo um processo de questionamento e inquietações com a escola tradicional e, posterior, tentativas de mudanças a partir de novas experiências escolares, como a Escola Nova e a Educação Libertadora, por exemplo. Todos esses processos foram igualmente importantes para a constituição de uma prática diferenciada, que não tem o objetivo de se consolidar como algo legítimo, que poderá ser aplicado em qualquer espaço. Pelo contrário, as pessoas ligadas às práticas inovadoras estão preocupadas com uma educação contextualizada, que tenha sentido para os educandos.

A pesquisa realizada mostrou que os entrevistados, apesar de terem histórias de vida completamente diferentes, são guiados por um mesmo objetivo: escolas com práticas solidárias, respeitosas à singularidade de cada um, democráticas, com a valorização da autonomia e com princípios éticos. Além disso que esses espaços nunca se permitam chegar em uma verdade absoluta, pois estão sempre se problematizando e auto avaliando.

As Práticas Pedagógicas Inovadoras, portanto, têm sido significativas para uma transformação social, mesmo que em pequena escala, a transformação tem acontecido de dentro para fora, tanto dos alunos que passaram por uma educação inovadora quanto para os pais e educadores que têm um grande contato com esse tipo de educação escolar. Essas práticas têm mudado o significado de “escola” para muitas pessoas, e têm dado uma esperança para uma transformação real e quando as pessoas percebem que não estão pensando sozinhas nestes espaços, isso as torna mais fortes e mais convictas da educação que acreditam.

PARTE III: Perspectivas Futuras

Hoje em dia, sei que existe a possibilidade de fazer diferente. De não reproduzir, mas criar; de não padronizar, mas incentivar as peculiaridades de cada ser e é isso que vou levar adiante na minha profissão. O respeito ao tempo de cada um, aos momentos de saudade, de tédio e de muita energia. Almejo seguir minha profissão na rede pública de educação, possibilitando aos meus alunos e às minhas alunas a oportunidade de serem autores de suas próprias histórias, a oportunidade de serem felizes na escola, de aprender coisas fundamentais para a sua sobrevivência, como o autoconhecimento, a curiosidade, a explosão de sentimentos e algo tão simples como a alimentação. Carrego, portanto, uma enorme responsabilidade nas costas, mas sei que sozinha não sou capaz. Então, criarei aberturas para a efetiva participação dos pais e familiares, pois “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.31)

Como segunda alternativa, mas não menos importante, desejo também um dia criar uma escola para a comunidade onde eu cresci, o Riacho Fundo I, possibilitando a essas crianças um lugar para conhecer e explorar o mundo, socializar com outras crianças e se desenvolverem naturalmente, sem cobranças, pressões ou obrigações. Acredito, também, que as escolas ainda não têm dado o devido valor ao alimento que comemos e, por isso, penso em fazer uma segunda graduação em gastronomia ou nutrição para me especializar em educação alimentar para crianças. Por fim, pretendo continuar estudando para nunca perder esta inquietação que me leva adiante, que me faz pesquisar e conhecer coisas novas. E não poderia deixar de citar Paulo Freire nas minhas últimas palavras deste trabalho

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito das ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. (FREIRE, 2011, p. 74-75)

Com esta frase, finalizo meu trabalho de conclusão de curso, mas a levarei adiante por onde eu for para me lembrar de que sou sujeito próprio de minha história,

capaz de criar, recriar e fazer o bem respeitando a todos que no mundo cruzarem meu caminho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir – Rubem Alves**. Crônicas transcritas originalmente e publicadas no jornal Correio Popular, de Campinas, SP (respectivamente em 14/5, 21/5, 28/5, 4/6, 11/6 e 18/6 do ano 2000). Disponível em: < <http://www.youblisher.com/p/813996-Escola-da-Ponte/> >. Acesso em: 19 de julho. 2016, 11:18:30.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. 11 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2014.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

BRASIL. Decreto nº 59, 11 de novembro de 2009. Dispõe sobre a educação pública e obrigatória. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF.

DELORS, Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 96 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GODOY, Anterita Cristina de Sousa. **Fundamentos do trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

KRAMER, Sonia (org); PEREIRA, Ana Beatriz Carvalho; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; ASSIS, Regina de. **Com a Pré-escola nas Mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo, Ática, 1989.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5 ed. Belo Horizonte, BH: Autêntica Editora, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

PACHECO, José; EGGERTSDÓTTIR, Rósa; MARINÓSSON, Gretar. **Caminhos para a Inclusão**: Um guia para o aprimoramento da equipe docente. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

PACHECO, José. **Escola da Ponte**: Formação e Transformação da Educação. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Informações disponíveis no site, acesso em 18/07/2016 às 11h07 min:

<http://amorimlima.org.br/institucional/projeto-politico-pedagogico/>

Informações disponíveis no site, acesso em 26/07/2016 às 9h33min:

<https://vivendoeaprendendo.org.br/metodologia/>

APÊNDICE 1
Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Experiências educacionais inovadoras: O que move e motiva pais e professores na busca por práticas pedagógicas inovadoras na escola” de Daniela Sardote Ventura, aluna de graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues. O objetivo desta pesquisa é investigar o que motiva e movimenta as pessoas, mais especificamente pais, mães e professores (as) a criar, trabalhar e/ou escolher por escolas com propostas diferenciadas, que reconheçam a infância, estimulem a criatividade e busquem uma prática democrática de fato. Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio entrevista semiestruturada, com gravação de áudio. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 81218955 ou pelo e-mail danielasardote@hotmail.com. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de documento digital, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Em relação ao nome do (a) participante convidado (a), você pode optar em não ter seu nome divulgado na pesquisa, ou autorizar a sua divulgação:

() Autorizo () Não autorizo. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador (a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor (a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____

APENDICE 2

Roteiros para entrevistas semiestruturadas

Aos EDUCADORES que trabalharam/ trabalham em escolas que possibilitam práticas pedagógicas inovadoras

1. Como foi seu processo escolar?
2. Você acha que o seu processo de escolarização influenciou na escolha da escola em que trabalha/trabalhou?
3. Por que você optou por trabalhar em uma escola “diferente”?
4. O que te motiva a continuar trabalhando com educação?
5. A sua formação acadêmica te ajudou na prática educacional? Como?
6. Qual deve ser a principal função da educação escolar?
7. O que são Práticas Pedagógicas Inovadoras para você?

Aos PAIS de alunos que buscam/buscaram por uma educação com práticas pedagógicas inovadora para seus filhos

- 1) Qual o tipo de escola que você acredita ser a ideal para seu/sua filho (a)?
- 2) Qual o seu papel como pai/mãe na escola?
- 3) Você acha que o seu processo escolar influenciou na escolha da escola para o (a) seu (sua) filho (a)?
- 4) O que te levou a escolher uma escola considerada inovadora?
- 5) Qual deve ser a principal função da educação escolar?